

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – SEAD  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**KAIO VICTOR DANTAS**

**LUTERO E A EDUCAÇÃO: A INFLUÊNCIA DO REFORMADOR NA  
EDUCAÇÃO NA ALEMANHA DO SÉCULO XVI**

**VITÓRIA - ES**

**2024**

**KAIO VICTOR DANTAS**

**LUTERO E A EDUCAÇÃO: A INFLUÊNCIA DO REFORMADOR NA  
EDUCAÇÃO NA ALEMANHA DO SÉCULO XVI**

Monografia apresentada ao Departamento de  
História da Universidade Federal do Espírito  
Santo, como requisito parcial para a conclusão do  
curso de graduação em Licenciatura em História.  
Prof. Orientador: Dr. Fabiano de Souza Coelho

**VITÓRIA - ES**

**2024**

KAIO VICTOR DANTAS

**LUTERO E A EDUCAÇÃO: A INFLUÊNCIA DO REFORMADOR NA  
EDUCAÇÃO NA ALEMANHA DO SÉCULO XVI  
TÍTULO DO TRABALHO**

Relatório final, apresentado a Universidade Federal do Espírito Santo, como parte das exigências para a conclusão do curso de Licenciatura em História.

Local, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. (Nome do orientador)  
Afiliações

---

Prof. (Nome do professor avaliador)  
Afiliações

---

Prof. (Nome do professor avaliador)  
Afiliações

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à diversas pessoas que foram extremamente importantes nesse processo de formação, mas, em especial, a minha esposa Helida Dantas e minha filha Priscila, por todo o suporte dado em todas as fases de meu curso. Além disso, o dedico a Dra. Patrícia Merlo, por acreditar em minha capacidade como estudante e ter sido um braço forte para que essa etapa fosse concretizada em minha vida. E por último, a Deus, que foi de fato quem me sustentou e guiou em todos os momentos. Toda Gloria seja dada a Ele: o Autor e Consumador da fé!

## **AGRADECIMENTOS**

Quero primeiramente agradecer a Jesus Cristo meu Senhor por ter me proporcionado essa rica oportunidade. Agradeço ao meu orientador Dr. Fabiano, por ser paciente e extremamente atencioso em todo o processo de escrita e revisão desse trabalho. Seu auxílio foi imprescindível! E não poderia deixar de agradecer a cada professor pelos ricos ensinamentos ao longo de todo o curso, especialmente, por me ensinar que o processo ensino x aprendizagem pode ser leve e prazeroso. E a minha família e amigos, pela rica compreensão que em diversos momentos tive que estar ausente para que a realização desse sonho fosse concretizada.

## RESUMO

Ao longo da história, torna-se perceptível os diversos processos de rupturas e continuidades, e isso se dá em diversos aspectos, como a história da Educação. Atualmente, veicula-se ser a Educação um direito de todos, sendo responsabilidade do Estado a oferta pelo serviço. No processo histórico, é notório que, em certos períodos, o acesso à Educação ficou restrito a poucos, contudo, em alguns momentos, como na transição para a Modernidade, algumas vezes se ergueram, argumentando que esse acesso pudesse ser fornecido amplamente. Nesse contexto, destaca-se o reformador Martinho Lutero, monge agostiniano que se destacou no contexto da Reforma Protestante, ainda, pela reverberação de seus escritos “Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha” e “Lugar de criança e na Escola – um apelo aos pais” que influenciaram a dinâmica da Educação na Alemanha do Século XVI, o que ultrapassou séculos e limites territoriais, influenciando consideravelmente a Educação contemporânea. Para essa apreciação será usada como método a análise do discurso.

**Palavras-chave:** Lutero. Educação. Longa Idade Média. Escola.

## **ABSTRACT**

Throughout history, the different processes of ruptures and continuities become noticeable, and this occurs in different aspects, such as the history of Education. Currently, Education is considered to be a right for everyone, with the State being responsible for offering the service. In the historical process, it is clear that, in certain periods, access to Education was restricted to a few, however, at some moments, such as in the transition to Modernity, some voices were raised, arguing that this access could be provided widely. In this context, the reformer Martin Luther stands out, an Augustinian monk who stood out in the context of the Protestant Reformation, also due to the reverberation of his writings “To the councils of all the cities of Germany” and “A place for children and at School – an appeal to parents” who influenced the dynamics of Education in 16th Century Germany, which went beyond centuries and territorial limits, considerably influencing contemporary Education. For this assessment, discourse analysis will be used as a method.

**Keywords:** Luther. Education. Long Middle Ages. School.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 01: A EDUCAÇÃO NA EUROPA MEDIEVAL: O RENASCIMENTO E A PEDAGOGIA DOS HUMANISTAS.....</b>	<b>12</b>
1.1. A Europa Medieval e a educação .....	13
1.2. O humanismo Medieval .....	18
1.3. O Renascimento e a pedagogia dos humanistas .....	21
<b>CAPÍTULO 02: O MOVIMENTO DAS REFORMAS PROTESTANTES: LUTERO E SUA VIDA .....</b>	<b>25</b>
2.1. A Igreja Católica apostólica Romana e sua influência na Europa Medieval .....	26
2.2. Os valdenses: os precursores do movimento de reforma .....	27
2.3. Os Pré-Reformadores .....	29
2.3.1. John Wicliffe (1328-1384) .....	30
2.3.2. John Huss (1373-1415) .....	32
2.4. Os movimentos das Reformas Protestantes .....	34
2.4.1. Lutero e a Reforma Alemanha .....	35
<b>CAPÍTULO 03: A IMPORTANCIA DAS REFORMAS PROTESTANTES PARA A EDUCAÇÃO NA ALEMANHA DO SÉCULO XVI: A INFLUÊNCIA DE LUTERO PARA O GOVERNO ALEMÃO, E OS PAIS COMO AGENTES ATIVOS DE UMA</b>	

## **EDUCAÇÃO QUE FOSSE OFERECIDA A TODOS INDISTINTAMENTE**

.....40

3.1. A Reforma de Lutero e a Educação

.....41

3.1.1. Lutero e a educação humanista: o retorno as fontes “*Ad Fontes*”

.....45

3.1.2. Lutero e a crítica a educação monástica e clerical

.....47

3.2. Lutero e sua influência no Governo Alemão: o governo como proponente de uma educação acessível a todos indistintamente

.....49

3.2.1 Lutero e a valorização dos professores

.....52

3.3. Lutero e a ordem dos pais enviarem os filhos para as escolas

.....54

4.

**CONCLUSÃO**

.....57

5.

**REFERENCIAS**

.....59

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende examinar como Lutero (1483 – 1546 d.C.), monge agostiniano, nas obras: *Aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha* e *Lugar de Criança é na escola – um apelo aos pais*, trabalhou a importância do governo vigente na Alemanha do século XVI como mantenedor e propiciador da educação, bem como, a responsabilidades dos pais para a educação de todos na Alemanha do Século XVI. A educação, compreendida dentro de um prisma das doutrinas cristãs, pode ser abrangida como um processo intrincado de formação integral, buscando a harmonia entre a instrução intelectual e o desenvolvimento moral. É nessa perspectiva que ela excede a mera transmissão de conteúdo, se transformando em ferramenta para cidadania, forjando caráter e virtude.

Diante disso, percebe-se que a educação, com o passar do tempo, se tornou uma plataforma importante para o Estado. No Brasil, por exemplo, vemos que na Constituição Federal, em seu Artigo 205 que “*A educação, direito de todos e dever do Estado e da família [...]*” (Brasil, 1988), a educação assume uma relevância singular, ou seja, ela propôs que a educação seja oferecida a todos indistintamente, e gratuitamente.

Como se pode ver, a Carta Magna da Federação Brasileira; diz que o Estado tem o dever de oferecer a educação gratuita e de qualidade a todos. No entanto, sabe-se que nem sempre fora assim, durante muitos anos esse direito era de poucos, principalmente no período Medieval, que por muito tempo fora estigmatizado como a “Idade das Trevas”, haja vista, conforme Carpentier (2012, p. 06), vai dizer, que “antigamente, os historiadores consideravam a Idade Média um período de decadência entre a prestigiosa Antiguidade e o Renascimento, quando os europeus reatam com a civilização antiga [...]”.

No entanto, observa-se que até mesmo na Antiguidade o acesso à educação era restrito alguns, conforme nos aponta Bittar (2009, p. 15), ao dizer que “nas sociedades escravistas da Antiguidade, a educação escolar não era um direito de todos, mas sim, privilégio de poucos.” Além disso, de acordo com Valentin (2010, p. 65): “[...] o modelo escolar [na idade média] era estático, formado pela memorização e repetição de conceitos sendo altamente disciplinados e controlado pelos princípios católicos. Obviamente, essa educação impedia o desenvolvimento da capacidade crítica e a criatividade dos educandos”.

Como se pode ver na argumentação de Valentin, as escolas medievais; acabavam não gerando pensamento crítico, na maioria de seus estudantes<sup>1</sup>, pois, geralmente, ela se baseava em duas frentes: os monastérios e as escolas palacianas. Conforme destaca Aries (1981, p. 106)

[...] a escola e o colégio que, na Idade Média, eram reservadas a um pequeno número de clérigos e misturavam as diferentes idades [...] se tornaram no início dos tempos modernos um meio de isolar cada vez mais as crianças durante um período de formação, tanto moral como intelectual, de adestrá-las, graças a uma disciplina, mais autoritária e, desse modo, separá-las da sociedade dos adultos.

Observa-se que a educação era restrita e mesmo os que tinham acesso eram submetidos a castigos físicos e morais, e o ensino era ministrado em latim. Ariés (1981, p. 117) ainda aponta que a disciplina na época em questão era humilhante, haja vista, o chicote ser usada a critério do mestre. Nesse sentido, se vê que a educação do povo não era prioridade, a não ser dos ricos, ou daqueles que iriam se dedicar a sabatina clerical. No entanto, nesse período surge um movimento inovador, “mas de cunho aristocrático, que dedica grande atenção aos problemas do homem e sua educação: o humanismo” (Bittar, 2009, p. 30). Esse movimento busca estabelecer uma relação com o mundo antigo, isto é, com os clássicos antigos, além de ter aversão a tudo que fora estabelecido pela cultura medieval, principalmente, a escola. Bittar (2009, p. 30), ainda vai dizer que “de suas críticas à escola medieval, ressaltamos a pedagogia contrária aos castigos físicos, a necessidade de se ter em conta a natureza da criança no seu duplo sentido: de considerar a sua tenra idade e de educá-la de acordo com a sua própria índole”.

Já no século XVI, percebe-se que, com a crise da Igreja católica e com o estabelecimento de modos de vidas menos autoritários, - mais humanista, uma eclosão de movimentos reformistas que acabariam influenciando diretamente o sistema educativo e, conseqüentemente, o surgimento de novas propostas educativas (Bittar, 2009). Dentre esses movimentos, pode-se destacar o que ficou conhecido como Reforma Protestante, inicia-se no dia 31 de outubro de 1517, quando Lutero afixou nas portas do castelo de Wittenberg suas famosas 95 teses, com o intuito de trazer diversas reflexões e críticas na maneira que a Igreja estava se portando, levando, posteriormente, ao que ficou designado como Reforma Protestante (Lutero, 1483-1546, 2016). Esse ato causou um impacto muito grande em toda a

---

<sup>1</sup> Sabe-se que no período em questão teve muitos pensadores, no entanto, a maioria deles se deram no campo religioso, isto é, as escolas buscavam formar clérigos para as dioceses e não pensadores críticos para o mundo. No entanto, temos as exceções, como o próprio Lutero, Tomas de Aquino, João Calvino, Alcuino, dentre outros.

Europa, fazendo com que a reforma iniciada no campo religioso se estende a outras áreas, inclusive a educacional<sup>2</sup>.

Lima (2021, p. 2), vai dizer que o movimento da Reforma quebrou paradigmas e, com isso, desencadeou diversos debates, divisões políticas, e até mesmo instabilidades na Europa do Século XVI. Para o autor, a educação alemã, passou por mudanças significativas devido a influência de Martinho Lutero, haja vista, a educação estar diretamente ligada ao Sagrado, ou seja, ao divino. Para Lutero, cada cristão deveria ler e interpretar a bíblia por si mesmo, ou seja, sem que um sacerdote estivesse intermediando. No entanto, para que isso fosse possível, se faziam-se necessários dois movimentos: 1) a bíblia deveria ser traduzida para o alemão e; 2) todas as crianças, meninos e meninas, deveriam frequentar a escola, e que caberia aos pais obrigá-los e ao governo da Alemanha oferecer essas escolas gratuita a todos, indistintamente (Bittar, 2009).

A reforma Protestante, por meio de Lutero, foi um marco na história ocidental, haja vista, ela ter sido um evento que mudou os rumos da história e, conseqüentemente, de diversos países da Europa do Século XVI. Lutero é tido como o grande reformador e precursor desse movimento. No entanto, a Reforma, extrapolou o âmbito religioso e atingiu todas as esferas da sociedade, incluindo a educação. O monge agostiniano se tornou doutor em teologia e produziu uma vasta bibliografia. Além disso, ele foi um exímio acadêmico tendo em vista que suas 95 teses tiveram um caráter acadêmico, ou seja, ele buscou colocar em discussão assuntos que julgava importante. Outro fator a destacar, é que o reformador sempre quis que a Bíblia fosse acessível a todos e isso o fez lutar profusamente para que todos tivessem direito à educação, inclusive as mulheres.

O Reformador Alemão buscou incentivar as autoridades e os pais a colocarem seus filhos nas escolas e, conseqüentemente, que se fossem criadas escolas em todos as cidades da Alemanha, para que o povo pudesse ter acesso as Escrituras. Nos escritos de Lutero, observa-se alguns princípios elementares, que atualmente nos são comuns, mas na época em questão não era, tais como a: 1) Democratização do Ensino; 2) Abertura educacional as mulheres; 3) A educação para a sociedade e exercício da cidadania e; 4) emancipação do indivíduo, que para ele deveria aprender a buscar por si mesmo o conhecimento bíblico e, conseqüentemente, dos Trivium e Quadrivium. Como se pode ver, ele apresentou propostas concretas para uma reforma escolar, bem como do direito à educação, imputando um caráter obrigatório.

---

<sup>2</sup> O movimento religioso mais contundente que acabou exercendo uma forte influência sobre a escola fora o luteranismo no início do Século XVI, embora tivessem existidos outros movimentos anteriores (Bittar, 2009).

Além disso, precisa-se entender que não há unanimidade sobre o fim do período medieval, por isso, neste trabalho seguiremos o conceito de Longa Idade Média<sup>3</sup> proposto por Jacques Le Goff

A presente pesquisa buscar-se-á analisar e discutir dois textos de Lutero. Sendo o primeiro: “Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha”, em que primeiramente, o reformador recorre as autoridades de cidades alemãs. No “começo de 1524, Lutero; lançou em Wittenberg seu Manifesto pela criação e Manutenção das Escolas Cristãs” (LUTERO, 2000, p. 4). Nesse manifesto, ele abordou diversos temas ligados à educação considerando-se o reformador dizer que “[...] em todas as regiões da Alemanha as escolas estão abandonadas. As universidades pouco frequentadas. Os conventos em decadência.” (Lutero, 2000, p. 8), ou seja, para ele deveria haver uma reforma educacional, colocando a educação como tendo lugar de destaque e assumindo seu papel de protagonista no desenvolvimento humano.

Diante disso, a metodologia *Análise do Discurso*, proposta para esta pesquisa, busca compreender a linguagem fazendo sentido em seu contexto, isso significa que ela concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social, colocando-o seu discurso como membros de uma determinada forma de sociedade. A linguagem que examinaremos na presente pesquisa será o discurso religioso, que de acordo com Eni P. Orlandi (1996), pode ser compreendido de algumas maneiras: (1) *o discurso religioso é aquele em que fala a voz de Deus*: a voz do padre – ou do pregador, ou, em geral, qualquer representante seu ‘- é a voz de Deus; (2) há um desnivelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte: o locutor é do *plano espiritual* (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do *plano temporal* (os sujeitos, os homens). Nesse sentido, pode-se dizer que há uma desigualdade entre os dois planos, em que o locutor e o ouvinte pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferente e afetadas por um valor hierárquico.

Como se pode ver, o foco principal de Lutero ao escrever às autoridades era mostrar seu papel no processo educativo, mas também alertar a decadência educacional do período em questão. Além disso, ele buscava demonstrar que a educação era um dever dos governantes, ao dizer que educar é dever das autoridades. Levando-os a refletir de seu papel, porquanto para ele, as pessoas estavam agindo iguais aos avestruzes, que botavam os ovos, geravam os filhotes e depois os esquecia. Nesse sentido, ele vai dizer que de maneira alguma “o amor cristão [poderia] admitir que *as crianças*<sup>4</sup> cresçam sem educação e que sejam um veneno para as outras crianças? Assim se arruína, por fim, uma cidade inteira [...]” (Lutero, 2000, p. 18).

---

<sup>3</sup> Esse conceito será discutido de forma ampla e detalhada no primeiro capítulo.

<sup>4</sup> Grifo do autor.

Por isso, Lutero concluiu que caberá aos conselhos às autoridades dedicarem seus esforços para com a juventude, porque disso, depende o progresso de uma cidade, isto é, “o melhor e mais rico progresso para uma cidade é quando ela tem muitas pessoas bem instruídas, muitos cidadãos sensatos, honestos e bem-educados” (Lutero, 2000, p. 19).

Outro texto a ser analisado será o “Lugar de criança é na Escola – um apelo aos pais”, em que Lutero vai expor a responsabilidade dos pais, como em nossa constituição. Para ele, era obrigação dos pais enviarem seus filhos para a escola, ou seja, não bastava apenas as autoridades fazerem sua parte, visto que um cristão excelente entenderá facilmente esse princípio, contudo, os que não assim fizerem, serão tentados e perturbados por satanás (Lutero, 2000, p. 51), haja vista, o reformador entender que Deus está o tempo todo, nas Escrituras, instruindo os pais a ensinarem seus filhos, já que “Deus confiou-os a nós, os mais velhos e que sabemos por experiência o que serve para o bem deles. Certamente, Deus exigirá de nós uma prestação de contas rigorosa sobre eles”, conclui Lutero (2000, p. 16).

## **CAPÍTULO 1: A EDUCAÇÃO NA EUROPA MEDIEVAL: O RENASCIMENTO E A PEDAGOGIA DOS HUMANISTAS**

Definir o fim da Idade Média não é algo simples, tendo-se em vista que as opções para demarcar tal período, são muitas. Ao se consultar a bibliografia sobre o tema, percebe-se nitidamente que as possibilidades são diversas. No entanto, o marco mais comum é a tomada de Constantinopla pelos turcos, em 1453<sup>5</sup>. Independentemente do ponto inicial, o importante é reconhecer que entre os séculos XV e XVI ocorreram transformações cruciais que “atingiram praticamente todos os níveis da existência social dos povos europeus em geral e, em especial, os habitantes das regiões centro-ocidentais da Europa” (Oliveira; Merlo, 2022, p. 1).

Como se pode ver não há unanimidade sobre o fim do período, por isso, neste trabalho seguiremos o conceito de Longa Idade Média proposto por Jacques Le Goff, quando diz que a Idade Média é um tanto obscura como algo extremamente valioso e, por isso, entende que “[...] o Renascimento não é a ruptura absoluta, decisiva, que pretendeu ser: há uma longa Idade Média que iria até o fim do século XVIII. Pode-se dizer que a Idade Média só teve fim com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial” (Le Goff, 2008, p. 29). Ele ainda vai afirmar que:

Vê-se que minha Idade Média é esta: de longa duração na história, mas um período de elaboração, de construção do mundo moderno, mundo que, no século XX, abandonou essa relativa moderação da Idade Média na guerra. A Idade Média é a nossa juventude, talvez a nossa infância [...] (Le Goff, 2008, p. 33).

Porquanto, a Idade Média está sendo entendida como um processo mais longo do que a maioria dos estudiosos propõem. Além disso, pode-se dizer que a Igreja e o Estado eram dois aspectos da Cristandade, porque enquanto um representava a sociedade cristã que almejava as bênçãos espirituais, o outro representava a mesma sociedade que buscava em conjunto garantir o bem-estar e a proteção da justiça humana. Observa-se que a Igreja e o Estado viviam em harmonia objetivando o bem-estar populacional, isto é, da sociedade vigente. No entanto, na prática, havia uma concorrência do poder entre o Papa e o Imperador (Shelley, 2018, p. 200).

---

<sup>5</sup> Mas é possível considerar outros acontecimentos, como a invenção da imprensa através de caracteres móveis por Johann Gutenberg, talvez por volta de 1442, ou a chegada de Cristóvão Colombo à América em 1492 (Oliveira; Merlo, 2022).

Ao se colocar o período em estudo dentro de contexto de continuidade do Medievo, fica-nos com a seguinte pergunta: “Como era a educação no período designado como Idade Média?”, “quais eram as características dessa educação?”.

### 1.1. A Europa Medieval e a educação

Para Lindenberg (2017, p. 51), o surgimento das cidades e de uma nova mobilidade social serviram como pontos de impacto para que houvesse uma mudança significativa em diversos aspectos, tais como: economia monetária, produção comercial e desenvolvimento tecnológico. Diante desse crescimento, boa parte das pessoas que não se tornaram mendigas, se submeteram a trabalhos com condições deploráveis. Mas isso não quer dizer que houve uma ruptura nos tempos, ao contrário, retornou-se ao clássico, ao que era antigo, como bem, o movimento renascentista.

Além disso, precisa-se dizer que para os homens do Renascimento “[...] a Idade Média era um obscuro período intermediário entre a Antiguidade e o presente que viviam, no qual o culto das letras, da arte, reaparecia. Idade Média: no espírito daqueles humanistas, tratava-se de uma expressão pejorativa” (Le Goff, 2008, p. 27), como se pode ver o Medievo era visto como um período obscuro, em que a escuridão provocada pela Igreja tomava conta.

Jardilino (2009, p. 19) expõe que a “Europa Ocidental era um mosaico de diversidades sociais e culturais, sacudida pela quebra dos valores da cristandade medieval e pela ‘devoção moderna’ da burguesia na ascensão, nascida do movimento de emancipação das comunas desde o século XIII”. Conforme exposto, o período medieval fora um tempo que surgiram diversos movimentos, bem como aconteceram diversos eventos que marcaram a história e, conseqüentemente, os povos que ali viviam. Com isso, fica-nos a pergunta: “como era a educação na Idade Média?”.

Para responder a essa pergunta, primeiramente, precisa-se pensar no conceito de *Escola na Idade Média*, em suas diversas nuances, pois para Nunes (2018, p. 160), tivemos algumas escolas ao longo do período em questão, como a *Escola de Gramática*, em Constantinopla; *as escolas paroquiais*, sob a administração eclesiástica. Tendo um grande destaque na reforma Carolíngia, com Carlos Magno.

Outros tipos de escolas encontradas na Idade Média foram a *episcopal* ou *catedrática* ou *canônica* e as *escolas monásticas*. Cabe dizer que todas essas escolas tinham algo em comum: eram conduzidas pela Igreja Católica, mesmo que elas existem em períodos de reinados diferentes, tanto que “[...] o estudo, a cultura e o ensino tornaram-se apanágio dos

clérigos e monges, tanto que durante séculos o termo francês *clerc*, clérigo, foi sinônimo de intelectual e letrado” (Nunes, 2018, p. 161).

Partindo dos conceitos de *Educação na Idade Média*, Nunes (2018, p. 112-113), vai dizer que “pode asseverar-se que durante todas as fases da Idade Média perdurou o ideal clássico quanto à formação da personalidade devendo-se, contudo, que acima desse objetivo natural impunha-se sobranceiro o propósito de se plasmar o perfeito cristão, o discípulo de Jesus Cristo”, isto é, o aprendiz “[...] que procura a felicidade eterna através da crença do evangelho, da prática dos mandamentos, da aquisição das virtudes, das mortificações, enfim, por meio do constante aumento da vida em estado de graça, da vida sobrenatural iniciada com o Batismo” (Nunes, 2018, p. 113). Pois, “esse era, e ainda é, o supremo objetivo educacional do povo cristão” (Nunes, 2018, p. 113).

Nunes (2018, p. 23-24) divide a periodização da educação na Idade Média, da seguinte maneira: (1) a primeira fase após a queda do Império Romano do Ocidente (476) até o reinado de Carlos Magno no fim do século VII; (2) a segunda fase compreende o período de 950 a 1200 d.C., isto é, no fim da linhagem carolíngia à concessão por Felipe Augusto dos primeiros privilégios reais à nascente universidade de Paris; (3) a terceira fase abrange o século XII e termina com o gesto irreverente de Nogaret; (4) a quarta e última fase é compreendida pelas mudanças e convulsões sociais, pela transição do feudalismo à monarquia, pela crise da cultura, decadência das escolas e pelo surgimento do humanismo renascentista.

Para compreendermos as escolas medievais se faz necessário entender que o clero se dividia em secular<sup>6</sup> e regular<sup>7</sup>, haja vista, as escolas medievais serem, em sua essência, desenvolvida para a formação clerical. Nunes (2018, p. 117), descreve que após o sumiço de algumas escolas, como a dos mestres particulares, a Igreja Católica acabou assumindo o papel de formadora, objetivando primeiramente a formação dos que queriam serem sacerdotes, mais precisamente, padres, pois assim, ela conseguia garantir que seus líderes tivessem a mínima formação para o desempenho sacerdotal.

---

<sup>6</sup> O clero secular ou diocesano é constituído pelos sacerdotes que só prestam a Deus voto de castidade, podendo dispor dos próprios bens, e sem se vincularem ao seu superior, o bispo, por voto de obediência. “Eles constituem o manípulo oficial dos obreiros eclesiais, servem aos bispos de uma diocese com quem assumem um compromisso de submissão [...] e por viverem a serviço do povo de Deus nas paróquias, no burburinho do mundo, são chamados de padres seculares” (Nunes, 2018, p. 116).

<sup>7</sup> O clero regular (é aquele que vive uma regra religiosa, vide Le Goff) é como um corpo auxiliar da tropa oficial, do ponto de vista administrativo. Ele abrange as ordens e congregações cujos membros levam a vida em comum, sob a orientação de um superior, prestam a Deus três votos de pobreza, castidade e obediência, e vivem de acordo com a regra da sua corporação (Nunes, 2018, p. 116).

Observa-se que a orientação pedagógica da Idade Média ia ao encontro do plano estabelecido por Agostinho, que dizia que o centro de aprendizado era a Sagrada Escritura, e a partir dela todos os outros saberes, como as artes liberais, as línguas e as ciências poderiam ser adquiridas. Nunes (2018, p. 87) aponta que esse sistema serviu de modelo para os estudos dos grandes intelectuais cristãos, bem como serviu de ideário e programa para as escolas cristãs. Esses princípios foram observados por meio de manuscritos e enciclopédias escritas por alguns autores do fim do mundo antigo, e isso, foi preservado por meio do trabalho dos monges nos diversos mosteiros e igrejas” (Nunes, 2018, p. 87).

Por longo tempo, os mosteiros foram os guardiães educacionais, porquanto os homens que desejavam seguir a vida monástica irem para esses locais e se submeterem as regras que ali eram estabelecidas. Nesse processo de desenvolvimento, buscava-se ter uma formação educacional para aqueles que desejavam seguir a vida religiosa, porém, os leigos que queriam estudar também podiam fazer e receber os mesmos ensinamentos que os futuros padres, contudo, ao completar 18 anos eles deveriam decidir o que iriam querer para a sua vida: o sacerdócio ou o matrimônio. Os mosteiros foram os guardiães de diversos manuscritos e livros antigos, preservando-os ao longo do tempo (Jélvez, 2013, p. 31).

Pode-se dizer que as escolas monásticas, que assumiram papel de proeminência em toda a Europa na primeira parte da Idade Média, foram estabelecidas pelo anseio espontâneo de homens que procuravam o mosteiro no intuito de se dedicarem a Deus e, conseqüentemente, consagrarem suas vidas por meio do trabalho e oração. Diante disso, percebe-se que a oração e meditação tinham como pressuposto a leitura, o saber mexer com os livros. Além disso, nas escolas monásticas, manuscritos deveriam ser copiados, por isso, era necessário que o monge soubesse ler. Nesse sentido, quando se entrava alguém instruído no mosteiro ele ia servir de mestre (Nunes, 2018, p. 127).

Observa-se que nesse período, a Igreja também se preocupava com a educação das crianças, no entanto, ela era conduzida por meio do sadismo, isto é, dos castigos físicos, que era empregado toda vez que uma criança cometesse algum erro. Essa preocupação se dava para que houvesse uma diminuição do preconceito contra a educação do povo. Sabe-se que nos primeiros séculos do período medieval, as tribos germânicas guerrearam umas com as outras, bem como os lombardos invadiram à Itália. Nesse contexto, os mosteiros beneditinos eram as únicas ilhotas de cultura em que ainda se escrevia, lia, estudava, copiavam manuscritos e buscavam conservar o legado cultural dos romanos (Jelvez, 2013, p. 31. Nunes, 2018, p. 30).

Na Germânia, foi apenas no reinado de Carlos Magno, na Gália, que surgiu uma renovação cultural, bem como a recuperação das letras antigas e a organização das escolas. Foi, no século VIII, durante a dinastia carolíngia que o clero e o Estado assumiram a educação conjuntamente, ou seja, embora fosse entendida como papel da Igreja, o Estado assumiu a responsabilidade de instruir o povo, e isso se deve a Carlos Magno. Nesse período, a educação clássica voltou a assumir proeminência, no entanto, ela precisava ser usada para valorizar o Cristianismo (Jélvez, 2013, p. 33)

Carlos Magno foi um grande incentivador da educação, por isso promoveu um retorno do estudo das artes, chegando a ser chamado esse período de “renascimento cultural”, por causa da forma como ele buscou trazer de volta alguns princípios educacionais elementares que estavam esquecidos. Além disso, em 789, ele promulgou um decreto onde dizia que todos os mosteiros deveriam estabelecer uma escola com o objetivo de ensinar as crianças, com aulas de canto, aritmética e gramática. Já na capital do império, o imperador estabeleceu um palácio-escola para que a família real pudesse estudar, cujo objetivo era estimular todo o reino na busca do aprendizado. Isso acabou se firmando ainda mais com a vinda de diversos eruditos da Itália e Irlanda, onde também se passou a ensinar o grego e o latim (Shelley, 2018, p. 200).

Carlos Magno, ao estabelecer sua reforma educacional, contou com a ajuda valiosa de diversos eclesiásticos, como Alcuíno<sup>8</sup>, Paulo o Diácono e Bento de Aniana. Ele criou em sua corte itinerante uma escola para as crianças com o intuito de formar uma geração de homens da Igreja e de funcionários do império capacitados (Nunes, 2018, p. 142). Nesse período, o foco educacional estava na formação dos clérigos, embora estes também pudessem recebê-la. Diante disso, acabou surgindo classes diferentes de escolas, como a palatina, que teve seu grande desenvolvimento com Alcuíno<sup>9</sup> (Nunes, 2018, p. 142).

---

<sup>8</sup> Alcuíno, estudou em York, juntando-se a corte de Carlos Magno em 781, após servir como mestre da escola da catedral em sua cidade nativa. Ele foi um erudito e inquiridor. Ele dirigiu uma escola informal das artes liberais no palácio, a qual o próprio Carlos frequentava (Walker, 2015, p. 279). Além disso, ele foi o braço direito de Carlos Magno na reforma eclesiástica, na restauração dos estudos e na difusão da cultura (Nunes, 2018, p. 144).

<sup>9</sup> Em 796, obteve de a abadia de São Martinho de Tours. Ele tinha paixão pelos livros e mandava executar cópias admiráveis em manuscritos com letras douradas e desenhos coloridos. Além de ser teólogo, poeta e filósofo, Alcuíno foi dedicado mentor da escola palatina na qual introduziu o *Trivium e Quadrivium*, tendo composto diversos folhetos didáticos como os diálogos sobre gramática, ortografia, a retórica e as virtudes, a dialética (Nunes, 2018, p. 145).

Observa-se que a reforma proposta por Carlos Magno e conduzida por Alcuíno<sup>10</sup>, rapidamente avançou e diversas escolas<sup>11</sup> foram criadas. Jélvez (2013, p. 33) e Mullinger (2022, p. 115), propõem que, possivelmente, esse é o primeiro caso registrado de uma escola paroquial gratuita, foi-se exigido que escolas fossem abertas em todo o reino para que os filhos dos fiéis recebessem educação, e tudo isso sem cobrar nenhum valor em troca. Diante disso, pode-se dizer, que embora a educação cristã buscasse atender toda a população, em suma, seu foco ainda era a formação do clero.

Já a partir dos anos 1000, houve-se uma grande retomada das atividades culturais e pedagógicas. Novas escolas cristãs foram criadas com o intuito de alcançar os leigos e pobres. Além disso, as artes liberais foram introduzidas como conteúdo a ser desenvolvido nessas escolas. Jélvez (2013, p. 33), descreve que “em 1179, o papa Alexandre III, em uma surpreendente decisão, fez com que todas as igrejas e mosteiros estendessem a educação para as camadas populares e, ainda, criou uma espécie de benefício financeiro para os mestres ensinarem a todos”.

Diante do exposto, percebe-se que houve uma mudança e o ensino acabou se tornando fonte de renda. E isso contribuiu de forma significativa para que as universidades pudessem surgir. Um fato importante a se destacar, é que durante esse período, a composição de livros se dava, principal ou exclusivamente, nos escritórios, *scriptoria*, dos mosteiros (Nunes, 2013, p. 97).

No século XII, devido ao avanço das universidades, surgiu uma grande necessidade de livros para o ensino universitário, com isso, iniciou-se a indústria e o comércio livreiro em grande escala, “[...] pois o *librarius*, editos de códices manuscritos, não só mantém a livraria no quarteirão da escola – o vendedor é o *stationarius* – como trata de multiplicar os exemplares com o auxílio dos estudantes pobres que faziam cadernos e transcreviam livros a fim de ganhar dinheiro [...]” (Nunes, 2013, p. 97). Percebe-se que o avanço literário acabou se tornando um meio de subsistência para alunos que queriam estudar e suas famílias não tinham condições, no entanto, vê-se, também, de certa forma, o monopólio dos mais abastados em detrimento dos que que viviam nas camadas mais populares da sociedade.

O escolasticismo é um movimento medieval surgente entre 1250 e 1500, que tinha como enfoque a justificação racional da crença religiosa, além de expor uma sistematização

---

<sup>10</sup> Alcuíno, um estudioso anglo-saxão, era responsável pela escola e começou a árdua tarefa de reavivar o aprendizado dando o primeiro passo: redigiu livros de gramática, ortografia, retórica e lógica (Shelley, 2018, p. 200).

<sup>11</sup> Pode-se dizer que as escolas imperiais tinham como método de ensino o Trivium e o Quadrivium (Mullinger, 2022, p. 89). Ao ser nomeado abade do mosteiro de São Tours, Alcuíno iniciou um processo de fundação e expansão de escolas monásticas e bibliotecas por todo o reino de Carlos (Walker, 2015, p. 279).

dessas crenças, ou seja, esse movimento surge com o enfoque de juntar a fé e a razão, por isso, pode-se dizer que o termo “[...] ‘escolasticismo’ não se refere a um sistema específico de crenças, mas a um modo particular de se produzir e sistematizar a teologia – um método altamente desenvolvido de apresentações de conteúdos [...] pretendendo alcançar uma visão abrangente da teologia” (McGrath, 2005, p. 71).

De acordo com Piletti, Piletti (2024, p. 63) “a Escolástica<sup>12</sup> é tanto um sistema de pensamento quanto um método de ensino, ela é a filosofia cristã da Idade Média e o método de ensino que predominou do século IX ao XV”. Observa-se que o principal objetivo da Escolástica era o ensino da verdade revelada, isto é, as escrituras bíblicas, por meio de uma reflexão racional. Para que isso pudesse acontecer se recorria a duas formas de ensino: a *lectio* e a *disputatio*. A *lectio* era o comentário de um ensino enquanto a *disputatio* era o estudo de um problema por meio de uma discussão onde eram apresentados os argumentos prós e contras (Piletti, Piletti, 2024, p. 63).

Esse sistema de ensino e pensamento, a Escolástica, surgiu com o intuito de responder algumas exigências existentes sobre a fé, até então, ensinada pela Igreja Católica, que naquele contexto, era tida como a “guardiã dos valores espirituais e morais de toda a Cristandade” (Pinheiro, Santos, 2013, p. 166). Diante disso, pode-se dizer que a Igreja se via como a detentora da capacidade de manter a unidade de toda a Europa, que participava, em certo sentido, da mesma fé que ela professava. Além disso, “a Escolástica possui uma constante de natureza *neoplatônica*<sup>13</sup>, que conciliava elementos da filosofia de Platão com valores de ordem espiritual, reinterpretadas pelo Ocidente Cristão” (Pinheiro; Santos, 2013, p. 166).

Essa corrente filosófica pode ser dividida em períodos: (1) A Alta escolástica, do século IX ao século XII, onde buscava se ter uma harmonia entre a fé e a razão; (2) Florescer da escolástica, de 1200 aos primeiros anos do século XIV, onde a harmonia entre e razão é apenas parcial, sem que se consiga um contraste entre elas; (3) A Dissolução da escolástica, dos primeiros decênios do século XIV até o Renascimento, onde o tema básico é o contraste entre a fé e a razão (Piletti; Piletti, 2024, p. 63-64). Além disso, pode-se dizer que as principais linhas de pensamento Escolástico são: realismo, conceptualismo e nominalismo (Pinheiro, Santos, 2013, p. 167).

<sup>12</sup> O Nome Escolástica veio de *Scolasticus*, nome usado para o professor de artes liberais nos primeiros séculos, e os de Filosofia ou Teologia tempos depois. Foi dessa ideia que surgiu o termo escolástica para designar tanto a filosofia ensinada quanto o método utilizado na escola (Piletti; Piletti, 2024, p. 63). McGrath (2005, p. 70), nos aponta que o termo “Escolasticismo”, assim que “Idade Média”, foi inventado por escritores humanistas, cujo objetivo era desacreditar o movimento por ela representado. De acordo com o autor, o termo era empregado de maneira pejorativa, igualmente às ideias da Idade Média.

<sup>13</sup> Para Pinheiro, Santos (2013, p. 166), mesmo quando São Tomás de Aquino introduz elementos da filosofia de Aristóteles no pensamento escolástico, esta constante *neoplatônica* ainda é presente.

## 1.2. O humanismo Medieval

Não há unanimidade na definição do termo (Renascimento), contudo, podemos destacar duas linhas importantes de interpretação, em que a primeira diz que o Humanismo foi um movimento voltado ao estudo de línguas e literaturas clássicas. Já na segunda linha, o Humanismo foi basicamente um conjunto de ideias que encerrava a nova filosofia do Renascimento (McGrath, 2005, p. 74). Muitos humanistas acabaram encontrando na sabedoria clássica uma grande admiração, que era compatível com aquilo que eles acreditavam no/do Cristianismo (Roberts, 2003, p. 486).

George (1993, p. 48), argumenta que o “[...] humanismo foi um movimento de reforma que se originou com a elite intelectual da Europa, tendo sido dominado por ela”, ele ainda acrescenta que:

O próprio termo humanismo [...] referia-se nos séculos XV e XVI não tanto a uma filosofia universal de vida quanto a um método particular de aprendizado com base na redescoberta e no estudo das fontes clássicas da Antiguidade, tanto pagã, isto é, romana e grega, quanto cristã. Dessa forma, o Humanismo do período da Renascença e da Reforma estava muito mais próximo do que entendemos por *humanidades* atualmente. Ad fontes! – de volta às fontes” – era o mote dos estudiosos humanistas, cujo trabalho abriu novas perspectivas na história, na literatura e na teologia (George, 1993, p. 48)

Como se pode ver, foi esse movimento que buscou o retorno as fontes antigas clássicas. Além disso, ele foi uma reação contra o escolasticismo que predominava na época. Pois, para os humanistas, os escolásticos estavam presos em discussões inúteis e sem fundamentos, haja vista viverem especulando sobre assuntos diversos, que em nada acrescentava aos olhos humanistas da época (George, 1993, p. 49). McGrath (2005, p. 74) complementa dizendo que o humanismo acabou assumindo a nova filosofia Renascentista, que surgiu como oposição ao escolasticismo. Diante disso, concordamos com Oliveira (2010, p. 39), que nos descreve que “o humanismo é o principal valor cultivado no Renascimento, que surgiu na Itália”.

O grande nome do movimento humanista, com certeza, foi o holandês Erasmo<sup>14</sup> de Roterdã<sup>15</sup>, que tinha como objetivo buscar nos estudos clássicos uma maneira de aperfeiçoar a sabedoria para fornecer textos mais precisos do Novo Testamento, bem como, das obras dos pais da Igreja (Roberts, 2003, p. 486). Erasmo, estudou teologia em Paris, no Collège de Montaigu, por onde ficou por quatro anos. Nesse período, Walker (2015, p. 480), vai dizer que ele acabou ficando descontente com a teologia escolástica, bem como, fora nesse período que Erasmo acabou tendo contato com os humanistas franceses, dentre os quais pode-se destacar Roberto Gaguin (1433-1501), que na época, era professor de direito.

Ao se deparar com humanistas como João Coletto e Tomás More, em uma visita que fez a Inglaterra, Erasmo acabou se encantando ainda mais com a maneira que eles estudavam e ensinavam sobre a carta bíblica aos romanos. Esse episódio acabou despertando em Erasmo o interesse pelo estudo sério da Bíblia e dos pais da Igreja, no entanto, para isso, se fazia necessário o domínio do grego, que acabou levando-o de volta a França para aperfeiçoar o estudo do grego. Em 1506, ele recebeu seu doutorado em teologia na universidade de Turim. Erasmo acabou sendo considerado, na época, por todos como o grande expoente dos humanistas (Walker, 2015, p. 480 – 481).

Erasmo tinha um profundo desejo por uma reforma, no entanto, esta não era por meio do rompimento com a Igreja, ao contrário, ele queria que a educação fosse colocada em primeiro lugar, bem como, houvesse um retorno ao uso da retórica, isto é, os discursos deveriam ser agradáveis e persuasivos aos que ouviam. Além disso, precisaria haver uma mudança significativa, pois a ignorância e a superstição deveriam ser erradicadas e, para isso, a música e a comédia poderiam serem usadas.

No século XV, tanto os polemistas quanto religiosos, acabaram se utilizando de uma nova vantagem, a imprensa. Inventada pelo alemão Guttenberg, teve grande impacto no mundo da época, pois com sua invenção, os escritos puderam ser impressos de maneira mais ágil. Pode-se ver isso com os escritos de Erasmo de Roterdã, pois com a invenção da imprensa, sua edição do Novo Testamento grego, acabou alcançando mais pessoas, com uma

---

<sup>14</sup> Desidério Erasmo I (1466? – 1536), filho ilegítimo de um sacerdote, nasceu em Roterdã ou Gouda. Seus primeiros estudos em Deventer, despertou seu amor pelas letras. Em 1487, devido a extrema pobreza ele acabou ingressando no mosteiro dos cônegos agostiniano em Steyn, onde permaneceu por seis anos. Lá ele estudou os autores clássicos e os humanistas italianos. Ele não tinha inclinação para a vida monástica, por isso, em 1493, acabou deixando o mosteiro e se tornou secretário do bispo em Cambrai (Walker, 2015).

<sup>15</sup> Outros nomes também podem ser destacados: na Itália, Dante Alighieri (1265-1321); Lourenço Valla (1407-1459); no Império Germânico, Marsiglio de Pádua (1375? -1343?) e João de Janduno (1380? – 1328); No Império, outros nomes importantes foram, Rodolfo Agricola (1443? – 1485), Sebastião Brant (1457 – 1521), João Reuchlin (1455 – 1522), dentre outros (Oliveira, 2010, p. 42)

agilidade nunca vista. No entanto, o livro mais impresso foi a bíblia. A imprensa deixou a Europa mais culta (Roberts, 2003, p. 486).

Esse sentimento de que a Europa estava ficando mais sábia, acabou se alastrando e tomando os corações, pois muitos começaram a sentirem como sendo mais civilizados que os outros, em gosto, conhecimento, ciência e arte do que em qualquer outra época. Roberts (2003, p. 485), aponta-nos que “em essência, muitos europeus se convenceram de que a humanidade seguia adiante e que a História demonstrava um padrão de progresso contínuo [...] e alguns chegaram a acreditar que os seus sucessores seriam ainda mais avançados” (Roberts, 2003, p. 485).

Com o estudo da Antiguidade clássica, veio também o sentimento de superioridade, que agora os europeus tinham em suas mãos a literatura e a arte e, por isso, alguns começaram a se ver como sendo seres superiores aos outros que não faziam parte do movimento e, conseqüentemente, da Europa. Tivemos alguns movimentos humanistas, tais como: no Norte da Europa; suíço; francês; inglês; e o Italiano, considerado o berço do movimento (McGrath, 2005, 76 – 79).

### **1.3. O Renascimento e a pedagogia dos humanistas**

Ao se pensar do ponto de vista cultural do Medieval, observa-se que a sociedade em questão estava totalmente condicionada ao padrão imposto pela Igreja Católica Romana, ou seja, ela ditava a crença e a piedade, bem como, determinava a maneira que as pessoas deveriam viver em seu dia a dia, estando a frente das instituições existentes: o governo da realeza, as corporações de ofícios, as escolas, as artes etc., no entanto, após o contato dos estudiosos com as obras do pensamento grego, e a restauração do Direito Romano, iniciou-se uma nova revolução, o Renascimento (Nunes, 2018, p. 2018).

Observa-se que existiram diversos fatores que serviram como base para que surgisse um novo movimento na história das ideias. McGrath (2005, p. 69) acrescenta outros que foram detentores de certa influência que são: (1) a teologia escolástica, nunca teve influência na Itália, apesar de grandes nomes serem italianos (Tomás de Aquino e Gregório de Rimini), eles viviam e trabalhavam no Norte da Europa, e, não propriamente, dito na Itália; (2) A Itália estava repleta de resquícios da Antiguidade; (3) Com a queda de Constantinopla em 1453, houve um grande êxodo de intelectuais de fala grega rumo ao ocidente, e a Itália ficava perto de Constantinopla, por isso, muitos deles foram para lá.

O Renascimento<sup>16</sup> ou Renascença são expressões usadas para descrever a mudança que ocorreu na Europa por volta dos séculos XII e XVII, além disso, pode-se dizer que “[..] é o período de transição do feudalismo para o capitalismo, que vai do final do século XII ao meado do século XVII, caracterizado pela revalorização da cultura greco-romana. O nome tem a ver com a volta à antiguidade, que renascia” (Oliveira, 2010, p. 39), em outros termos, é um período de nascimento e transição para uma nova maneira de se olhar à vida e os aspectos ligados a ela. Como se pode ver, no Renascimento temos o “renascer” da alvorada literária, bem como para as artes. A beleza, seja literária ou das artes, assumiu um papel de proeminência.

Acresce que um dos marcos do Renascimento italiano é a apreciação pela cultura da Antiguidade, pois, eles rejeitaram e deixaram de lado todas as conquistas intelectuais da Idade Média. Como se pode verificar, os escritores renascentistas não respeitavam o que havia acontecido no Medievo e valorizavam, unicamente, o que era da Antiguidade, colocando esta como superior ao que havia acontecido no passado recente (McGrath, 2005, p. 69).

A cultura renascentista foi caracterizada por alguns valores, dentre os quais podemos destacar o Racionalismo que influenciou ativamente a ciência, a filosofia e a educação. Ele pode ser entendido como uma forma de pensar que rejeitava as explicações mistificadas e religiosas da realidade, além do mais, tinha como fonte de todo saber a razão (Jélvez, 2013, p. 43-44).

Os renascentistas tinham uma maneira muito peculiar de se ensinar, ou seja, a pedagogia era tradicional, em que o professor era a autoridade e, conseqüentemente, expoente do conteúdo, e o aluno alguém cuja obrigação era sentar, ouvir e decorar os conteúdos ministrados. No entanto, o Renascimento dos séculos XIV, XV e XVI, desenvolveu uma mudança de perspectiva no mundo, ou seja, deu-se maior ênfase na beleza, dignidade e satisfação da vida, bem como, foi atribuído mais valor aos seres humanos, diferentemente, do que acontecia no mundo medieval conduzido pela Igreja Romana, que valorizava mais os objetos e a condenação eterna (Walker, 2015, p. 460).

Os renascentistas italianos tiveram grande contribuição para que surgisse um espírito crítico na sociedade, com o resgate dos modelos da Antiguidade, fizeram com que houvesse uma nova forma de pensar. Nesse sentido, pode-se dizer que alguns fatores são levantados

---

<sup>16</sup> Nesse sentido, McGrath (2005, p. 68-69) discorre que “o termo, derivado da palavra francesa ‘renaissance’, é hoje empregado universalmente para designar o avivamento literário e artístico que ocorreu na Itália dos séculos XIV e XV. Paolo Giovio, em 1546, referiu-se ao século XIV como ‘aquele afortunado século, em que as letras latinas renasceram (renatae) [...]’”

como causas desse movimento “[...] a descoberta de manuscritos antigos esquecidos, a invenção da imprensa, que auxiliou na divulgação dessas novas ideias, o desenvolvimento das riquezas provenientes das descobertas marítimas e a influência dos sábios gregos que fugiam de Constantinopla” (Jélvez, 2013, p. 41-42)

Ao se pensar no âmbito educacional, percebe-se que essa mudança influenciou uma mudança significativa, que anteriormente, o ensino era conduzido no intuito de formar cleros, baseado nos ensinamentos da Igreja e, conseqüentemente, o foco estava no divino, como nos aponta Nunes (2018, p. 118), os padres deveriam ensinar os jovens, “[...] o canto dos salmos, as verdades da fé e os mandamentos da Lei de Deus. É claro que o aprendizado dos salmos e da doutrina religiosa implicava o conhecimento dos rudimentos da leitura e da escrita, mas o conteúdo do programa era de interesse puramente eclesiástico” (Nunes, 2018, p. 118). Porém, com o Renascimento, a educação experimentou uma nova perspectiva, em que o homem começou a ser olhado como um ser integral, o seu desenvolvimento intelectual, moral e físico.

O Renascimento buscou olhar para a educação com outro foco, o homem se tornou o centro, nas escolas a formação intelectual era valorizada, por isso, olhou-se como uma nova perspectiva de escola e, conseqüentemente, para a maneira de ensinar, a sua pedagogia. Como já visto, foi valorizada a investigação acadêmica e o saber teórico, bem como, a arte em suas múltiplas faces, e não apenas o ensino religioso. Assim, “os homens da Renascença admiravam estes artistas – Michelangelo, Rafael, Leonardo da Vinci, entre outros – de múltiplos talentos, que davam às pessoas uma nova ideia de excelência humana” (Roberts, 2003, p. 400).

Para alcançar os objetivos aspirados, os humanistas buscaram publicar textos críticos das grandes obras da cultura clássica, abordando letras, filosofia e ciências, fazendo com que pelo menos nos séculos XV e metade do XVI, os estudantes começassem a dar olhar para a beleza ciceroniana, bem como, para a profundidade do pensamento platônico e aristotélico, em que eles visavam uma formação na qual o aprendiz pudesse ter contato com diversas fontes de conhecimento, como astrônomos, geógrafos, historiadores da Antiguidade, entre outros (Nunes, 2018, p. 64).

Aqui também pode ser visto a influência da imprensa, pois com a mudança no enfoque pedagógico do Renascimento, surgiu-se a necessidade de que mais livros chegassem às mãos da população. Novos processos de ensino foram criados, em que o homem se tornou o centro e isso pode ser encontrado na produção de livros e nas artes, por isso, pode-se dizer que “[...] esses processos de ensino foram estimulados e impulsionados de modo notável pela invenção

da imprensa, que permitiu a disseminação dos livros, através do mundo, a preços módicos, ao mesmo tempo que levava à renovação dos processos didáticos.”

Observa-se que os princípios pedagógicos que norteavam o Renascimento, era, de certa forma, antagônicos aos anteriores, que eram conduzidos pela Igreja Católica, porquanto na pedagogia renascentista o homem passou a ser cultuado, assim dizendo, ao romper com o ensino da igreja buscou-se colocar o homem no centro, diferentemente, da época da igreja que deus era o centro. Ao resgatar livros antigos que eram contrários ao padrão até então vigente, os educadores renascentistas estavam estabelecendo uma nova forma de se ver a educação e seu papel. Nesse sentido, o individual passou a ser valorizado. “Todos tinham em comum o apelo à destruição de qualquer vestígio do antigo ideal pedagógico que se poderia ter no processo educativo dos povos. Era preciso que não restasse nenhum resquício da escolástica numa mente que pudesse ter acesso à razão [...]” (Jardilino, 2009, 32).

Percebe-se ainda, duas tendências centrais no modelo pedagógico do humanismo renascentista, que são: a primeira apela para o fato de que o homem deveria ser livre para desenvolver todas as suas potencialidades, distante de todas as regras e normas impostas pela educação da Igreja Romana; já a segunda, conduzida pelo humanista Erasmo, pregava um processo mais rígido de formação para o professor, pois “ao professor cabia o conhecimento enciclopédico de todas as ‘especialidades’” (Jardilino, 2009, p. 37).

No entanto, essa educação que valorizava a formação integral do homem, com foco no intelectual, moral e física, letras greco-latinas, gramática e retórica, não era acessível a todos, ao contrário, conforme descreve Nunes (2018, p. 45), “[...] esse ideal pedagógico só podia ser acautelado e posto em prática no círculo dos nobres e dos burgueses ricos, pois se tratava de educação muito dispendiosa.” Conforme mencionado, o acesso não era a todos, ou seja, um menino pobre que não tivesse recursos, só poderia estudar se alguém custeasse seus estudos, por isso, pode-se dizer que o princípio almejado, pela educação humanística, de formação, era destinado apenas a poucos, haja vista, na prática ser acessível apenas aos ricos (Nunes, 2018, p. 45).

Acrescente-se ainda, o fato de que a educação renascentista esteve alicerçada nos estudos da retórica e da oratória, tendo como base o *De oratore* e o *Orator de Cícero*, e a *Institutio Oratortia de Quintiliano* (Nunes, 2018, p. 46). Mas esses ideais da oratória e retórica eram demonstrados e vividos apenas no campo das ideias. Quintiliano foi o grande mestre da pedagogia renascentista, no entanto, seus ensinamentos não eram de fato vividos pelos alunos, se não, em momentos especiais, como banquetes, ensejos de funerais e necrólogos etc.

Como se pode ver, o ideal pedagógico renascentista que pregava uma valorização do homem e do conhecimento, acabou se tornando o berço de transmissão de conhecimento sem prática, considerando-se que eram poucos os que podiam desfrutar, de fato, desse renascer filosófico e das artes. A educação renascentista era uma que valoriza apenas a elite em detrimento dos pobres.

## **CAPÍTULO 2: O MOVIMENTO DAS REFORMAS PROTESTANTES: LUTERO E SUA VIDA**

A reforma protestante foi um movimento iniciado pelo monge Agostiniano Martinho Lutero em 1517. No entanto, sabe-se que esse movimento é apenas reflexo de outros movimentos de reformas internas, como vai nos dizer Cairns (1992, p. 199) “[...] antes da Reforma houve tentativas de fazer parar o declínio do prestígio e do poder do papa através de reformas de várias espécies”. Esse movimento foi um marco na história ocidental, haja vista ele ter sido um evento que mudou os rumos da história e, conseqüentemente, de diversos países da Europa do Século XVI. Lutero é tido como o grande reformador e precursor desse movimento.

Essas reformas, em sua maioria, foram originadas por causa dos problemas causados pelo papado, como o fato de haver corrupção no sistema papal. Por isso, pode-se dizer que a Reforma foi, principalmente, um evento religioso (Pinheiro, Santos, 2013, p. 235). Contudo,

elas extrapolaram o âmbito religioso e atingiram todas as esferas da sociedade, dentre elas, a educação, a economia, a política etc.

O historiador Carter Lindberg<sup>17</sup> vai dizer que “uma primeira iniciativa em termos de controle da realidade complicadas e multifacetada da Reforma é definir os termos usados para descrevê-la e a era que ela abrange – o que, até recentemente, era feito de forma rápida e simples.” (Lindenberg, 2017, p. 30). No entanto, ele vai dizer que, em pesquisas mais recentes, o “sentido convencional” da Reforma “foi substituído pelo reconhecimento de que havia uma pluralidade de reformas que interagiam umas com as outras: movimentos luteranos, católicos, reformados e dissidentes.” (Idem, p. 31).

A palavra “Reforma” tem uma longa história, no entanto, foi somente no fim do século XVII, na obra de Veit Ludwig von Seckendorff intitulada *Commentarius historicus et apologeticus de luteranismo sive de reformatione religiones ductu D. Martini Lutheri in magna Germaniae parte aliisque regionibus (1964)*, “que o conceito de Reforma foi aplicado à história da Igreja. Seckendorff entendia que ‘Reforma’ era a palavra-chave para esclarecer os acontecimentos na Alemanha na primeira metade do século XVI.” (Lindberg, 2017, p. 32)<sup>18</sup>. Pode-se dizer, diante do exposto, que este termo veio com o advento da Reforma Luterana, no entanto, precisa-se entender que não existiu uma “Reforma” no singular, mas “Reformas” no plural, pois só assim conseguiremos entender de fato o que o termo tem a dizer em cada local e período histórico.

A Reforma é fruto de uma descaracterização do pensamento religioso, dogmático, em detrimento do pensamento racional humanista. Por isso, “para compreender a Reforma Protestante, temos que, como um arqueólogo, escavar alguns séculos que a antecederam” (Jardilino, 2009, p. 13).

## 2.1. A Igreja Católica Apostólica Romana e sua influência na Europa Medieval

Ao se tentar definir a maneira que a Igreja Católica Apostólica Romana influenciou o período denominado com medieval, percebe-se que é quase uma tarefa impossível, porque para isso seria necessário analisar país por país da Europa Ocidental. No entanto, em termos gerais, pode-se dizer que ela teve um papel significativo no desenvolvimento político e social

<sup>17</sup> Carter Lindberg (1937) é um historiador estadunidense. Professor Emérito de História da Igreja na Boston University School of Theology. Ele estudou no Augustana College, em Illinois, e na Escola Luterana de Teologia em Chicago, e obteve seu doutorado em História da Reforma na Universidade Iowa.

<sup>18</sup> Lindberg (2017, p. 32), vai dizer que a obra de Seckendorff, não é uma história da Reforma em sentido abrangente, pois é limitada à religião e termina com a morte de Lutero; pois, por meio dela, no entanto “Reforma” (como termos que designa uma era ou época) entrou no vocabulário e conceito de estudos históricos.

do período, como vai dizer Roberts (2003, p. 339) “a Europa se distinguia por ser cristã, e no fim do século XV era o berço de uma civilização cristã [...]”.

Nesse sentido, observa-se que a doutrina oficial da Igreja Católica Romana, definida no primeiro Concílio Vaticano (1870), vai dizer que o papado teria sido instituído por Jesus Cristo, e Pedro tinha sido o primeiro papa e, conseqüentemente, o bispo de Roma seria o seu sucessor, em que este teria a supremacia sobre toda a Igreja Católica. Roma se tornou o centro eucarístico, a base da Igreja, e isso se deu pelo fato de a Igreja ser a maior e mais rica, bem como por causa da influência de diversos escritores antigos que colocavam Pedro e Paulo como fundadores dela (Shelley, 2018, p. p. 156).

Ao se pensar na influência do Cristianismo Medieval e, conseqüentemente, da Igreja Católica Romana, vê-se que Carlos Magno fora um dos imperadores que buscou seguir à risca seus ensinamentos e princípios, tanto que, ao assumir o Império Carolíngio; ele buscou levar a sério a santificação cristã de seu papel, procurando ampliar a grandeza de sua Corte, enchendo-a de provas de sabedoria cristã e patrocinou a literatura e as artes, bem como na área da educação ao criar escolas (Robert, 2003, p. 348).

Além disso, Robert (2003, p. 350), vai dizer que Carlos Magno subordinou firmemente a Igreja à sua autoridade, levando assim a condução de seu Império por meio dos bispos. Para o referido autor, pode-se dizer que foi Carlos Magno o idealizador da ideia, que acabou se estabelecendo posteriormente, “de que um rei cristão deveria ser responsável não apenas pela proteção da Igreja, mas pela qualidade da vida religiosa nos seus domínios” (Robert, 2003, p. 350).

Observa-se que, por mais que a Igreja tenha tido um papel fundamental no desenvolvimento da Europa Medieval e influenciado em diversos aspectos, ela acabou sucumbindo e deixando o poder tomar conta. Vale salientar que entre 1309 e 1439, a Igreja Romana perdeu prestígio diante dos leigos, pois com as suas exigências de celibato e obediência absoluta ao papa e a feudalização da Igreja Romana, provocaram um declínio na moral dos clérigos (Shelley, 2018, p. 186).

Igualmente, o Cativo Babilônico e o Grande Cisma, foram causadores da descrença papal por meio dos leigos. Ao escolherem Clemente V, como papa em 1305<sup>19</sup>, os cardeais deram abertura para que a população mudasse o seu olhar em relação ao papado, e quando ele

---

<sup>19</sup> Clemente V, era bispo de Bordeaux, e ao ser eleito papa, por ordem de Felipe, rei da França, ele deveria permanecer no país, onde esteve sob domínio e controle dos reis franceses até o ano de 1377. Esse período é conhecido como o “cativo babilônico” (Pinheiro; Santos, 2013).

muda o papado de Roma para Avignon, no sul da França, o povo começa a pensar que o papa agora estava debaixo da jurisdição do povo francês (Cairns, 1992, p. 201).

Além disso, o papado em Avignon tentou manter a alienação das pessoas por meio de construções e monumentos esplêndidos na cidade, no entanto, os fiéis eram quem pagavam-nas por meio das taxações estabelecidas. Esse movimento acabou suscitando diversos críticos, fazendo assim que a autoridade papal fosse diminuída, e aumentando o clamor pelo retorno do papado à Roma, onde Gregório XI (1370-8) o atendeu em 1377 (Lindberg, 2017, p. 69).

É nesse contexto de fragilidade e inconsistência da Igreja e do papado que surgem diversos levantes, diversos personagens acabaram assumindo o papel de defensores da “verdade” e, por isso, se tornaram contrários ao papa e, conseqüentemente, a maneira como a Igreja estava sendo conduzida.

## **2.2. Os valdenses: os precursores do movimento de reforma**

No século XII encontra-se os primeiros movimentos em busca de uma reforma na Igreja Católica, tanto que Walker (2015, p. 337) vai dizer que “[...] estimulado pelo ataque gregoriano eclesiástica, testemunhou um notável ‘despertamento evangélico’ no seio da sociedade como um todo”. Para o autor, esse “despertamento evangélico” se dá pelo fato de muitas pessoas serem movidas em busca de uma renovação religiosa por meio de um retorno aos princípios empregados pelos apóstolos na Igreja primitiva.

Uma das primeiras vozes contrárias a maneira como a Igreja Católica estava se comportando foi de Arnaldo<sup>20</sup>, Abade na Bréscia, cidade ao norte da Itália, onde, em uma série de sermões, disse que o mundanismo e a corrupção que assolava a Igreja era fruto de um desejo desenfreado em conquistar o mundo, por isso, ele dizia que a mesma deveria entregar suas posses e seu domínio ao governo e busca-se viver de maneira simples, retornando assim, à pobreza e a simplicidade que os apóstolos viviam, como vai dizer Shelley (2018, p. 232), para Arnaldo, “a igreja e seus ministros [...] devem abster-se da riqueza, pois riqueza e poder anulam a salvação”.

---

<sup>20</sup> Em 1139, Arnaldo conseguiu fazer com que o povo se voltasse contra o bispo e, por essa razão, ele foi banido da Itália pelo papa Inocêncio II, onde, possivelmente, se exilou em Paris. Após cinco anos de exílio, ele apareceu em Roma e imediatamente aderiu a um movimento para depor o domínio papal, sendo que em 1155, ele foi executado e suas cinzas, foram lançadas no rio Tibre (Shelley, 2018, p. 232).

O movimento da pobreza, não se limitou a Arnaldo, mas acabou sendo conduzido por outra voz, “Pedro”<sup>21</sup> Valdo (c. 1140-1218), que era comerciante em Lyon e, por isso, possuía muitos recursos. Pedro Valdo, após ouvir um trovador itinerante que cantava sobre a vida monástica e suas virtudes<sup>22</sup>, ficou inquieto e ao procurar um sacerdote para saber como era viver para Cristo, recebeu a resposta que Jesus havia dado ao jovem rico: “Se você quer ser perfeito, vá, vende os seus bens e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus. Depois, venha e siga-me” (Mateus 19:21). Ao ouvir essa declaração, Valdo decidiu segui-la e assegurando uma renda para a esposa e colocando suas filhas em um convento, deu o restante de suas posses aos pobres, com o intuito de viver a vida cristã (Shelley, 2018, p. 232).

Valdo, buscou viver piamente os ensinamentos de Jesus para os apóstolos, por isso, ele usaria apenas as vestes que estavam escritas nos evangelhos, bem como, só se alimentaria daquilo que lhe fosse dado. Essa atitude acabou levando alguns a pensarem que ele havia enlouquecido, enquanto outros acharam uma atitude totalmente nobre, pois entendiam que nele estava a verdadeira *vita apostólica*, isto é, a pregação potencial e a pobreza voluntária (Walker, 2015, p. 355).

Valdo, no afã de conhecer mais das escrituras, acabou remunerando dois clérigos para que eles traduzissem partes do novo testamento para o provençal (língua falada naquela região da França). Ao ter acesso a parte da Bíblia em linguagem acessível, popular, ele prontamente começou a ensinar sobre o Evangelho ao povo. Pode-se dizer que ele e seus seguidores tinham como mensagem o “retorno às Escrituras, o batismo de adultos, uma vida de simplicidade e austeridade moral, e o desapego aos bens materiais. A característica maior dos valdenses era a vida piedosa e a evangelização itinerante” (Lima et al, 2017, p. 27).

Ao se dedicar a viver esse estilo de vida com sua generosidade, logo Valdo acabou angariando diversos seguidores, que ficaram conhecidos como Valdenses. Pode-se dizer que ele não tinha o objetivo de se separar da Igreja Católica Romana, ao contrário, seu objetivo era restaurar o padrão neotestamentário, que para ele, estava perdido há um bom tempo. No entanto, logo eles começaram a encontrar oposição local, por isso, ele e seus seguidores recorreram ao Concílio de Latrão, em 1179, onde o papa Alexandre III reconheceu o valor de

---

<sup>21</sup> O nome Pedro foi acrescido posteriormente, para mostrar seu vínculo com o apóstolo Pedro. (George, 1993, p. 41).

<sup>22</sup> A canção contava a história do jovem Alexis, que pressionado a se casar pelos pais patrícios, mas que, relutante, dedicava-se ao ideal de castidade. Assim, na noite de núpcias, ele fez um pacto de pureza com sua esposa e imediatamente partiu para a Terra Santa. Os pais de Alexis, o procuraram em vão. Anos mais tarde ele retornou para casa como um mendigo, mas a vida de abnegação deixara-o tão macilento que ninguém o reconheceu. Ele viveu no quintal de casa sobrevivendo das migalhas que caíam da mesa da família. Somente quando estava prestes a morrer que ele revelou sua identidade, fazendo com que a moral fosse então revelada: o verdadeiro cristão deve estar disposto a sacrificar tudo nesta vida pelo bem do próximo (Shelley, 2018, p. 232).

seus ideais, e lhe deu autorização para pregar, desde que os líderes locais não fossem contrários (Lima et al, 2017, p. 28; Walker, 2015, p. 355; Shelley, 2018, p. 233).

Porém, os líderes locais não foram a favor, haja visto os bispos não deixarem que eles pregassem e, por isso, em 1215, Valdo e seus seguidores foram considerados hereges, por não acatar a ordem do papa Lúcio III. Por esse motivo os Valdenses foram excomungados da Igreja, e passaram a sofrer forte perseguição aberta, onde em 1212, em Estrasburgo, cerca de 500 foram presos e outros 80 foram queimados na estaca, inclusive o líder local Johannes. O movimento agregou muitos seguidores, onde se diz que chegou a ter cerca de 35 mil seguidores (Lima et al, 2017, p. 28).

Como se pode ver, Valdo e, conseqüentemente os valdenses são tidos como parte dos movimentos de reformas, por causa dos ideais que eles seguiam. Por isso, pode-se dizer que o conflito era compreensível, haja vista os valdenses quererem reformar a Igreja Católica, por meio de uma purificação e retorno a vida simples dos apóstolos, cujo foco estava na renúncia dos poderes humanos. Shelley (2018, p. 234), vai dizer que “estava tão claro que os valdenses eram um movimento em busca do retorno à Bíblia que, ao longo dos anos, muitos cristãos evangélicos tentaram apresentá-los como ‘reformadores anteriores à Reforma’”.

### **2.3. Os Pré-Reformadores**

Chama-se de pré-reformadores aqueles que basicamente defendiam os mesmos pontos que os reformadores protestantes iriam confrontar mais a frente, tanto John Wycliffe quanto Jan Huss são denominados como “precursores” da Reforma (Walker, 2015, p. 453). Além disso, ao promulgar em 1302, por meio de Bonifácio VIII, a bula *Unam Sanctam*, que diz que “é absolutamente necessário à salvação de toda a criatura humana estar sujeita ao romano pontífice.” Acabou fazendo com que pretensões como essa inspirassem vários movimentos reformadores na Europa, como o que se viu na Inglaterra, no início do século 14.” (Lima et al, 2017, p. 29). Como se pode ver, o que chamamos de pré-reformadores foram homens que lideraram movimentos contrários a maneira que a Igreja e o papado estavam lidando com diversas questões na época e, por isso, foram em busca de que a Igreja fosse reformada.

#### **2.3.1. John Wycliffe (1328-1384)**

Outro grande nome que surgiu na luta de reformar a Igreja Católica foi o inglês John Wycliffe (1325? – 1384). Wycliffe, nasceu em Yorkshire, norte da Inglaterra, em algum ano

entre 1320 e 1330, filho de uma família rica que possuía muitas terras. Ele fora enviado muito novo para estudar na famosa universidade de Oxford, que naquele momento era uma das principais de toda a Europa, onde recebeu o título de bacharel em Artes, em 1356, e o mestrado em artes, em 1361. Além disso, acabou assumindo como reitor da igreja paroquial em Fillingham (Lima et al, 2017, p. 30; Walker, 2015, p. 40-41).

Walker (2015, p. 41), vai dizer que Wycliffe, possivelmente, tenha sido eleito diretor do Canterbury College, Oxford, em 1365, no entanto, o papa acabou anulando essa eleição dizendo que ela era irregular. Porém, na década de 1360, acabou alcançando grande notoriedade e Oxford e, principalmente, nos ciclos acadêmicos, e isso se deu, devido a sua grande e brilhante capacidade de palestrar e escrever sobre lógica e metafísica, tanto que em 1369, ele havia acabado a obra *Summa de ente* (Sobre o ser). Wycliffe, também buscou se aprofundar na área teológica, onde em 1372 recebeu o grau de doutor em teologia.

Nesse contexto, a grande questão discutida na época era sobre o domínio ou senhorio dos homens, haja vista ser de entendimento unânime que o senhorio vinha de Deus, por isso, fazia-se o seguinte questionamento: como esse direito, que era de Deus, era transmitido aos governantes terrenos? Shelley (2018, p. 249), vai dizer que um entendimento amplamente aceito, era que o senhorio só era justo quando vinha da Igreja Romana, haja vista Deus ter dado ao papa o direito de dominar sobre todas as pessoas e o que lhe dizem direito, por isso, tudo o que fugia desse princípio era pecado.

No entanto, outros pensadores discordavam desse argumento, pois diziam que o senhorio não estava ligado a mediação da igreja, mas sim, se a pessoa que o tinha estava vivendo em estado de graça, ou seja, não estava vivendo no pecado. Diante dessa discussão, Wycliffe, extremamente influenciado por Richard FitzRalph, vai argumentar “que o governo inglês tinha a responsabilidade divinamente atribuída de corrigir os abusos da Igreja dentro de seus domínios e depor os eclesiásticos que persistissem no pecado – inclusive, o Estado poderia confiscar a propriedade de oficiais corruptos da Igreja.” (Shelley, 2018, p. 249).

No século XIV, inúmeras heterodoxias<sup>23</sup> surgiram, dentre as quais pode-se destacar a doutrina das indulgências<sup>24</sup>/purgatório e a veneração de relíquias. Bascope (et al, 2022, p.

---

<sup>23</sup> Aqui se usava o ter heresia, que pode ser entendida como um pensamento contrário ao que a igreja estabeleceu, ou seja, é uma divergência de doutrina que é rejeitada pela igreja. Além disso, a palavra pode ser empregada ao falso mestre que com seus ensinamentos falsos levavam as pessoas ao erro e, conseqüentemente, ao que a igreja diz e propõe. Nesse contexto, é usada contra aqueles que vão contra ou rejeitam os ensinamentos da Igreja Católica Romana (Bascope et al, 2022, p. 163). Mas nesse trabalho, procurou-se usar o termo heterodoxia como qualquer opinião ou doutrinas que discordem de uma posição oficial ou ortodoxa.

<sup>24</sup> Bascope (et al, 2022, p. 163), vai dizer que a palavra indulgência, vem do latim *indulgentia*, cujo significado é perdão. Os autores ainda vão dizer que foi o Arcebispo João IV, de Constantinopla, que veio com a proposta inicialmente, ou seja, ele vai dizer que as indulgências serviam para as pessoas poderem comprar o perdão e,

165), vai dizer que Wycliffe, não se conformava com o abuso no uso dos recursos do clero, bem como com a maneira na qual eles manuseavam a palavra de Deus, a Bíblia. Por isso, Wycliffe acabou trazendo para o desgosto e inimizade do clero católico, devido suas críticas sobre a doutrina do purgatório, a doutrina da transubstanciação na missa, bem como, o ensino a respeito da infalibilidade papal, a venda das indulgências, e além disso, ele defendia que cada pessoa deveria ter acesso as Escrituras em sua própria língua vernácula, por isso, em 1384, ele terminou a primeira tradução completa do Novo Testamento para o inglês, e Nicolau de Hereford completou a tradução do Antigo Testamento para o inglês em 1384 (Cairns, 1992, p. 206)

George (1993, p. 39), vai dizer que “Wycliffe [...] insistia, entretanto, que os sacerdotes e os papas perversos – presumivelmente entre os *praesciti*, com base no princípio de ‘pelos frutos os conhecereis’ - não deveriam ser obedecidos”. Como se pode ver, durante sua vida e ministério, Wycliffe foi um ferrenho defensor da liberdade cristã e, conseqüentemente, contrário a maneira que o papado lidava com diversas questões, por isso, não é de se espantar que em 1377, o papa tenha condenado os ensinamentos dele como contrários aos da fé Católica Romana. Nesse contexto, Shelley (2018, p. 249), vai dizer que a Igreja se levantou contra ele, no entanto, ela não o fez nada, por causa de alguns amigos influentes que ele tinha, que acabou fazendo com que a condenação não excedesse as ameaças.

Em diversos momentos, Wycliffe acabou confrontando a igreja e o sistema papal, tendo a doutrina do “domínio fundamentado em graça” como a primeira, contudo, foi no ano do Grande Cisma do papado, que sua trajetória como reformador ganhou destaque, haja vista, diante da situação de um papa em Roma excomungando outro em Avinhão, ele se levantou ferozmente dizendo que a Igreja precisava de uma reforma. Para ele, esse episódio demonstrava a verdadeira falência espiritual que a igreja católica se encontrava e, por isso, se fazia urgente que ações fossem tomadas para que a realidade fosse mudada (Shelley, 2018, p. 250).

Walker (2015, p. 444), vai dizer que Wycliffe, acabou rejeitando toda a estrutura da Igreja Católica Romana, por isso, em sua obra *Sobre a verdade das Escrituras Sagradas (1378)*, ele atestou que “a Escritura é a mais alta autoridade para todo cristão e o padrão de fé e de toda perfeição humana”. Além disso, em seu tratado *Sobre a Igreja (1378)*, “ele definiu a Igreja verdadeira em termos agostinianos ‘a totalidade dos predestinados’ [...] um corpo

---

conseqüentemente, a salvação, pois ao adquirir uma indulgência a pessoa seria perdoada de seus pecados e da ira divina, e essa “salvação” só era concedida por meio da Igreja Católica através dos papas.

atemporal e genuinamente espiritual, consequentemente invisível, do qual Cristo apenas é o cabeça. O papa, em seu turno é, no máximo, cabeça da porção romana da igreja visível [...]”.

Percebe-se que ele tinha um grande apreço pelas Escrituras e, por isso, ele dizia “nem o testemunho de Agostinho nem o de Jerônimo, nem o de qualquer outro santo deve ser aceito, salvo se estiver fundamentado na Escritura” (Shelley, 2018, p. 250). O Pré-reformador, como ficou conhecido, lutou piamente para que a Igreja voltasse aos princípios dos primórdios, mas sem realmente ver seu objetivo alcançado. Wycliffe acabou sofrendo um derrame em 1382, e acabou ficando parcialmente paralisado, e em dezembro de 1384, acabou sofrendo um segundo derrame, onde alguns dias após acabou falecendo (Walker, 2015, p. 446).

Além de dar fim ao Grande Cisma, o Concílio de Constança também declarou profano os ensinamentos do teólogo inglês John Wycliffe (1384) e ordenou que seus ossos fossem exumados da terra e queimados” (George, 1993, p. 38). Como se pode observar, esse homem foi alguém que tentou reformar a Igreja, sem muito sucesso no período, no entanto, ele já fora uma voz que ecoou e alcançou lugares longínquos até que a reforma de fato acontecesse, pelo menos em parte.

### **2.3.2. John Huss (1373-1415)**

O movimento iniciado por John Wycliffe, encontrou maior crescimento na Boêmia, ainda mais quando as duas nações, Inglaterra e Boêmia, foram ligadas pelo casamento de Anne da Boêmia com o Rei Ricardo II da Inglaterra. Essa junção permitiu que alunos de ambos os países pudessem ir e vir de Praga e Oxford, e foi nesse contexto que surgiu uma outra figura emblemática, John Huss (Shelley, 2018, 253).

John Huss; nasceu no sul da Boêmia, na cidade de Husinetz, e seus pais eram pessoas do campo. Ele estudou na universidade de Praga onde obteve o grau de bacharel em teologia em 1394 e de mestre em 1396. Nos tempos de estudos, Huss acabou tendo contato com diversos pensadores, dentre eles os escritos de Wycliffe, que o impactou significativamente, levando-o a adotar a mesma visão que o reformador inglês tinha em relação a Igreja como um grupo de eleitos, onde apenas Cristo é o cabeça e não o papa (Shelley, 2018, p. 253)

Ele pregava periodicamente na capela de Belém, perto da universidade, onde expunha os pensamentos de Wycliffe contra os abusos de poder do papado. Além disso, Shelley (2018, p. 254), vai dizer que nas paredes da capela “havia pinturas contrastando o comportamento dos papas e o de Cristo. Enquanto o papa montava um cavalo, Cristo caminhava descalço;

enquanto Jesus lavava os pés dos discípulos, o papa preferia ter seus pés beijados”. Foi nessa capela que os sermões de Huss, alcançou o coração das pessoas, levando-o a ter amplo apoio popular.

Walker (2015, p. 449), vai dizer que “no Grande Cisma, a Boêmia manteve-se com o papa romano, na época Gregório XII. Como passo para o fim da cisão, o rei da Boêmia, Venceslau IV (1378-1419), declarou em 1408 seu apoio à política de neutralidade entre os papas rivais”. No entanto, ele ainda vai dizer que Huss e seus amigos apoiaram Venceslau. Contudo, “o arcebispo Zbynek, o clero alemão e os mestres alemães na universidade, ficaram com Gregório XII, para o despontamento do rei” (Walker, 2015, p. 449). Por isso, em janeiro de 1409, o rei Venceslau fez uma mudança na constituição da universidade, onde ele dava aos alemães um voto enquanto os tchecos tinham direito a três.

Essa ação acabou levando a uma cisão dos mestres e alunos alemães, que naquele momento era cerca de mil e quinhentas pessoas, onde eles estabeleceram a universidade de Leipzig. Essa mudança acabou levando-o para a reitoria na universidade de Praga e isso acabou fazendo com que ele conquistasse a antipatia dos professores alemães de Leipzig. Tempos depois o arcebispo Zbynek, que agora apoiava seu papa, Alexandre V (1409-1410), fez essa reclamação a ele, dizendo que os ensinamentos de Wycliffe estava crescendo na Boêmia, e foi então designado para acabar com ele (Walker, 2015, p. 449-450).

Diante dessa investida, Huss foi excomungado por Zybnek. Diante disso, uma grande revolta se levantou em Praga, onde havia atingido o status de herói popular. O rei Venceslau o defendeu. Além disso, ao contrapor a cruzada proposta pelo papa Alexandre V, Huss acabou mobilizando, novamente, uma grande agitação, onde as bulas papais foram queimadas pela população. Essa atitude o levou a perder apoio de muitos defensores que ele tinha na universidade, bem como com o Rei Venceslau, haja vista ele ter sido novamente excomungado. Praga acabou sendo submetida a um interdito papal.

Huss se propôs a reformar a Igreja Romana na Boêmia de modo semelhante às colocações de Wycliffe. Suas ideias provocaram a inimizade do papa e ele recebeu a ordem de comparecer ao Concílio de Constança com um salvo-conduto do imperador. O salvo-conduto, porém, não foi cumprido. As suas ideias, como as de Wycliffe, foram condenadas. Como se recusasse a se retratar, foi queimado na fogueira por ordem do Concílio (Cairns, 1992, p. 206).

#### **2.4. Os movimentos das Reformas Protestantes**

No século XVI, percebe-se que, com a crise da Igreja Católica, e com o estabelecimento de modos de vidas menos autoritários, por meio da proposta humanista, surgem uma eclosão de movimentos reformistas que acabarão influenciando diretamente a Europa Ocidental e todos os seus sistemas (Bittar, 2009). Dentre esses movimentos, pode-se destacar o que ficou conhecido como Reforma Protestante. Esse movimento inicia-se no dia 31 de outubro de 1517, quando Lutero afixou nas portas do castelo de Wittenberg suas famosas 95 teses, com o intuito de trazer diversas reflexões e críticas na maneira que a Igreja estava se portando, levando, posteriormente, ao que ficou designado como Reforma Protestante (Lutero, 1483-1546, 2016).

O historiador Lindberg<sup>25</sup> vai dizer que “uma primeira iniciativa em termos de controle da realidade complicada e multifacetada da Reforma é definir os termos usados para descrevê-la e a era que ela abrange – o que, até recentemente, era feito de forma rápida e simples.” (Lindenberg, 2017, p. 30). No entanto, ele vai dizer que em pesquisas mais recentes, o “sentido convencional” da Reforma “foi substituído pelo reconhecimento de que havia uma pluralidade de reformas que interagiam umas com as outras: movimentos luteranos, católicos, reformados e dissidentes”.

Sabe-se que a presente reflexão, para a maioria dos estudiosos se encontra no período moderno, no entanto, queremos evocar para a discussão o conceito de Longa Idade Média, desenvolvido por Jacques Le Goff, onde para ele “[...] em certos aspectos de nossa civilização – perdura ainda e, às vezes, desabrocha bem depois das datas oficiais.” (Le Goff, 2005, p. 57), ou seja, para o autor, a Idade Média é mais longa do que a maioria das pessoas a designam, isto é, muitos colocam seu fim no século XIV, mas Le Goff vai dizer que ela “desabrocha bem depois das datas oficiais”. Fulbrook (2016, p. 47), vai dizer que “apesar dos historiadores buscarem elementos da ‘modernidade’ na Reforma, o pensamento e as crenças ainda eram bastante medievais no século XVI”.

Ele continua sua argumentação dizendo que acredita “[...] numa longa Idade Média, porque não vejo a ruptura do Renascimento. A Idade Média conheceu diversos renascimentos, o carolíngio do século IX [...] o renascimento do século XII, e ainda o dos séculos XV-XVI se inscreve nesse modelo”, como se poder, para Le Goff, não houve ruptura significativas na Idade Média (Le Goff, 2008, p. 14), pois para ele, vê-se os mesmos elementos e eventos acontecendo, ou seja, “a mesma dependência de uma economia rural à mercê das fomes, a

---

<sup>25</sup> Carter Lindeberg (1937) é um historiador estadunidense. Professor Emérito de História da Igreja na Boston University School of Theology. Ele estudou no Augustana College, em Illinois, e na Escola Luterana de Teologia em Chicago, e obteve seu doutorado em História da Reforma na Universidade Iowa.

mesma fragilidade das máquinas, a mesma vida urbana em que a burguesia não chegava a conquistar o poder, a mesma forte presença da Igreja, e as mesmas mentalidades ‘feudais’ [...]” (Le Goff, 2008, p. 14).

Por isso, ele conclui:

[...] acredito, portanto, numa longa idade média, porque não vejo a ruptura do Renascimento. A idade Média conheceu diversos renascimentos, o carolíngio do século XVII, e ainda os dos séculos XV-XVI se inscreve nesse modelo. Sem dúvida, o nascimento da ciência moderna no século XVII (porém o caso Galileu, em 1633, é Idade Média) e os esforços dos filósofos das Luzes no século XVIII anunciam uma nova era [...] A Idade Média se situa entre uma lenta mutação, que judiciosamente de algum tempo para cá se chama ‘Antiguidade Tardia’, denominação melhor do que Alta Idade Média (aquela que começa mais tarde, por volta dos séculos de VI a VIII), e uma revolução no fim do século XVIII.” (Le Goff, 2008, p. 14-15).

Conforme visto, para Le Goff, a Idade Média não se finda no século XV, ao contrário, para ele ela termina, de fato, com o advento das Revoluções Industrial e Francesa, bem como, com o surgimento da ciência moderna no século XVIII. Diante disso, analisar-se-á os movimentos das reformas dentro desse prisma de uma longa Idade Média.

#### **2.4.1. Lutero e a Reforma na Alemanha**

A Reforma Protestante por meio de Lutero (1483-1546), foi um marco na história ocidental, haja vista ela ter sido um evento que mudou os rumos da história e, conseqüentemente, de diversos países da Europa do Século XVI. Ele é tido como o grande reformador e precursor desse movimento. No entanto, a Reforma extrapolou o âmbito religioso e atingiu todas as esferas da sociedade, dentre elas a educação, a política, a economia e o social.

Lutero<sup>26</sup>, nasceu em 1483, e era filho de camponeses, no entanto, com o tempo seu pai se tornou minerador de prata e, por isso, acabou se tornando parte da classe média da época. Hans, em seu tempo de vida sempre fez de tudo para que seu filho tivesse uma boa educação e queria que Martin Lutero fosse advogado (Pinheiro. Santos, 2013, p. 240).

No afã de oferecer uma boa formação, seu pai não fez com ele trabalhasse na infância, como era comum a maioria dos jovens camponeses da época, ao contrário, ele ingressou na escola, onde estudou latim, gramática elementar e o que era necessário para a formação

<sup>26</sup> Funck-Brentano (2021, p. 13, vai dizer que seu nome era Luder, de que se formaria “Lutero”, retomando assim um velho nome germânico, o mesmo Lothar (Lothair em francês). Além disso, ele descreve que em suas célebres *Conversas à Mesa (Tischereden)*, o reformador dará a este nome o significado de “claro, límpido, puro”, *lauter* em velho alemão. A moda do tempo far-lhe-á adotar para seu nome uma forma grega de desinência e assinar “Martinus Eleutherius” (em grego, “homem livre”).

espiritual, ou seja, os Dez Mandamentos, o Pai Nosso e os credos infantis. Ao completar 14 anos. Lutero foi enviado para estudar em Magdeburg<sup>27</sup>, escola respeitada e, por isso, muito cara<sup>28</sup> (Nichols, 2017, p. 32. Cf. Oliveira, 2010, p. 60-61; Lessa, 1976, p. 6).

No entanto, no ano seguinte mudou seus estudos para Eisenach, possivelmente, por questões acadêmicas quanto financeiras. Lá, tinha parentes por perto, que lhe ajudava, eventualmente com algumas refeições, mas, foi uma senhora idosa que acabou cuidando dele. Lutero, sempre se destacou academicamente, chegando a ser o melhor de sua turma. Por causa de seus esforços e feitos, ele conseguiu passar para Erfurt, onde foi estudar direito, onde em 1502 recebeu o bacharel em artes e em 1505 o título de mestre. (Nichols, 2017, p. 32).

Erfurt, acabou se tornando um divisor de águas na vida de Lutero<sup>29</sup>, não somente pelos estudos, mas também pelo fato de que foi nela que ele tomou a decisão que mudaria a sua vida e, conseqüente, mais à frente, o futuro da Europa. No mosteiro, Lutero se submeteu a trabalho serviu, mesmo tendo grau avançado nos estudos. Além disso, começou a dedicar de fato sua vida ao estudo da Bíblia, ministrando sua primeira missa em 1507, mesmo se sentindo indigno de fazê-lo.

Em 1510, Lutero foi enviado a Roma, como representante do monastério que fazia parte. Funck-Brentano (2021, p. 80), vai dizer que João Staupitz, vigário geral da ordem dos dominicanos, sonhava em ter sua autoridade estendida a uma província até então administrada por superiores independentes, no entanto, os monges de Erfurt e de outros seis conventos, se levantaram contrários e, com isso, decidiram levar o debate até Roma, enviando-o assim como porta-voz. No caminho, de três semanas até Roma, o jovem monge ficava hospedado em outros monastérios de sua ordem ou conventos amigos.

Foi nessa viagem que começou a perder o brilho por Roma e, conseqüentemente, a Igreja Católica Romana, haja vista ele começar a ver os suntuosos palácios que os cardeais

<sup>27</sup> Lessa (1976, p. 6), vai dizer que se conta que em Magdeburgo, Lutero viu um quadro que muito o impressionou. Representava uma barca, figurando a Igreja. Nela, porém, não se via nenhum leigo, somente o papa com os cardeais e bispos à proa, tendo a imagem do Espírito Santo sobre as cabeças. Padres e frades eram os remeiros e demandava a barca as praias celestiais. O curioso, porém, era que os leigos nadavam dificultosamente no mar e os que não se afogavam eram sustidos nas águas por meio de cordas que lhes atiravam os frades, movidos de compaixão, cordas que representavam as suas obras, aplicadas em favor dos fiéis. Somente por esse modo conseguiam ir aos céus, na dependência absoluta de Roma. Era um quadro simbólico, pois por mais piedosos que fossem os leigos, nada conseguiam de Deus sem o auxílio dos ministros da igreja.

<sup>28</sup> Os modestos proventos da família de Lutero mal davam para pagar seu primeiro ano, razão pela qual, a exemplo de outros estudantes camponeses, o levou a mendigar o seu pão nas ruas de Magdeburg (Nichols, 2017, p. 32)

<sup>29</sup> Pinheiro; Santos, 2013, p. 240, vão dizer que: Lutero se formou na universidade Erfurt, em 1502, com o grau de bacharel e recebeu o grau de mestre em 1505. No dia 02 de julho de 1505, enquanto caminhava, começou a chover de maneira intensa com muitos raios e trovões, e com medo do que estava enfrentando, Lutero, resolve clamar, “Me ajude, Santa Anna! Eu vou me tornar um monge”, foi então que no dia 17 de julho, se tornou monge, entrando para o mosteiro agostiniano em Erfurt, deixando o sonho de seu pai, que ele fosse advogado, de lado.

moravam, bem como a pomposa vida que os cardeais viviam. Acabou não vendo, nos líderes, os padrões que ele julgava que eles deveriam ter. Em fevereiro de 1511, Lutero retornou para Wittenberg. Além disso, em outubro de 1512, Lutero, se tornou doutor em Bíblia (Pinheiro; Santos (2013, p. 240).

Durante os anos de 1513-1517 Ele se dedicou ainda mais ao estudo da Bíblia, bem como pastoreou e pregou em Wittenberg. Pode-se dizer que nunca quis ser um reformador, apesar de sempre protestar contra a corrupção da Igreja. sempre sonhou em tornar Wittenberg a “Roma da Alemanha”, fazendo com que ela se tornasse um repositório de relíquias<sup>30</sup>. A igreja do Castelo de Wittenberg, também era detentora do direito de conceder remissão total dos pecados das pessoas por meio das indulgências.

Pode-se afirmar, que por um tempo, ele acreditou no “poder” das indulgências, no entanto, em 1516, já tinha uma nova perspectiva, portanto, para ele a compra delas não era garantia da remissão dos pecados de seus adquirentes. A prática começou nas Cruzadas, sendo a princípio sendo concedida àqueles que se sacrificavam ou arriscavam lutando contra os infiéis. Contudo, (Bainton, 2017, p. 79), vai dizer que a prática se tornou tão lucrativa que ela começou a ser usada para cobrir a construção de igrejas, mosteiros e hospitais. por três vezes em 1516, pregou contra as Indulgências publicamente.

Em 1517, na Alemanha, Alberto de Brandemburgo, da casa de Hohenzollern, aspirava ser arcebispo de Mainz, posição extremamente relevante na época, no entanto, ele sabia que para isso acontecer ele teria que desembolsar um alto valor. A diocese ofereceu o cargo a Alberto, desde que ele arcasse com a taxa. O papa do período era Leão X, que acabou fazendo um acordo com Alberto. Haja vista, naquele momento Leão estar com a necessidade de concretizar o projeto da nova Basílica de São Pedro, iniciada por seu predecessor. A mediação dessa negociação entre eles foi conduzida pela casa bancária alemã dos Fuggers (Bainton, 2017, p. 81).

Inicialmente o pontífice fez a solicitação de doze mil ducados, e Alberto ofereceu sete mil, então chegaram ao acordo de 10 mil, no entanto, o papa exigiu que Alberto fizesse o pagamento adiantado, o que levou a Alberto fazer um empréstimo dos Fuggers. Diante disso, o papa concedeu a Alberto o direito de distribuir indulgências em seus territórios pelo período

---

<sup>30</sup> Relíquias eram objetivos tidos como sagrados, pode-se dizer que em Wittenberg, a coleção possuía fragmentos dos restos mortais do Rei Canuto e da Santa Brígida, bem como um espinho verdadeiro da coroa de Cristo, com certificado de que havia perfurado a sobancelha do Salvador. O Príncipe Frederico chegou a ter 5.005 peças as quais eram atribuídas indulgências que, segundo se estimava, poderiam reduzir o tempo do purgatório em 1.443 anos. Aqueles que viam essas relíquias no designado e faziam as contribuições estipuladas podiam receber do papa indulgências para redução do tempo no purgatório, para si ou para outros, que chegavam a 1.902.202 anos e 270 dias. Esses tesouros eram disponibilizados no Dia de Todos os Santos (Bainton, 2017, p. 77-78).

de oito anos. Mas, metade deveria ir para o papa para a construção da nova Basílica de São Pedro. O que levou Lutero e muitos de seus contemporâneos denominarem a prática como escandalosa e fraudulenta (Dirlmeier et al, 2020). Para conduzir esse processo de venda foi confiada ao sacerdote Tetzl, que era um experiente vendedor.

Foi nesse contexto que Lutero, mais uma vez, às vésperas do Dia de Todos os Santos, quando Frederico, o Sábio, oferecia suas indulgências, que Lutero afixou na porta do Castelo de Wittenberg, suas 95 teses, convidando assim, a comunidade e os acadêmicos para um debate sobre a venda das indulgências. Nelas tinham três questões principais: o uso do dinheiro pela Igreja; o poder do Papa sobre o purgatório e o perigo das indulgências (Pinheiro; Santos, 2013, p. 242; cf. Bainton, 2017, p. 85).

Nichols (2017, p. 41), vai dizer que Lutero nunca conseguiu, de fato, ter esse debate, no entanto, suas 95 teses, foram rapidamente traduzidas e distribuídas por toda a Alemanha e além dela. Chegando uma cópia as mãos do papa Leão X, que “[...] descartou o documento como nada mais que as divagações de um alemão embriagado, o qual, ele acreditava, pensaria de modo bem diferente quando estivesse sóbrio”.

Oliveira (2010, p. 67), vai dizer que mesmo Leão X, não levando tão a sério, Lutero acabou sendo convocado para se apresentar perante o Capítulo geral dos Agostinianos, em Heidelberg, onde ele foi mais enfático, chegando a negar a primazia papal, bem como, o poder do papa sobre o purgatório. Foi então que em julho de 1518, o reformador foi acusado de herege. Sendo assim, ele foi convocado para ir a Roma, responder por heresia, mas a influência de Frederico, o livrou de ir.

No entanto, foi com a Dieta de Worms, que a Reforma se consolidou. Carlos V, neto de Fernando de Aragão, foi coroado imperador aos 20 anos, em outubro de 1520. Três meses depois o novo imperador dá início a sua primeira Dieta, em Worms. Lutero foi convocado a aparecer, mesmo sendo aconselhado a não ir, com um salvo-conduto de Frederico, o Sábio, no dia 17 de abril de 1521, quando o Chanceler de Treves, que representava o próprio Imperador, tentou convencê-lo a se retratar. Lutero, que havia sido aconselhado a não dar uma decisão de forma imediata, recebe a autorização de fazê-lo 24 horas depois (Oliveira, 2010, p. 72).

Foi então que no dia seguinte, Lutero respondeu dizendo que “[...] não poderia submeter sua fé nem ao papa, nem aos concílios [...] pois eles caíram muitas vezes em erros e mesmo em grandes contradições com eles próprios” (Oliveira, 2010, p. 72). Ele completa, dizendo que só poderia se retratar “se, pois, eu não for convencido com testemunhos das Escrituras, ou por evidentes razões, se me não persuadirem pelas próprias passagens que citei,

e se não tornaram assim minha consciência cativa da Palavra de Deus, não posso e não quero retratar-me coisa alguma [...]” (Oliveira, 2010, p. 72).

Como se pode ver, Lutero não tinha como objetivo romper com a Igreja, mas sim reformá-la, no entanto, seu objetivo original acabou sendo perdido diante de tantas arbitrariedades vista na Igreja Católica de seu tempo. Ele revolucionou o mundo de sua época de diversas maneiras e em diversos campos, como veremos no campo da educação. Além da reforma luterana, houve outras reformas, como na Suíça a Puritana etc.

**CAPÍTULO 3: A IMPORTÂNCIA DAS REFORMAS PROTESTANTES PARA A EDUCAÇÃO NA ALEMANHA DO SÉCULO XVI: A INFLUÊNCIA DE LUTERO PARA O GOVERNO ALEMÃO, E OS PAIS COMO AGENTES ATIVOS DE UMA EDUCAÇÃO QUE FOSSE OFERECIDA A TODOS INDISTINTAMENTE DE FORMA GRATUITA.**

Sabe-se que as Reformas Protestantes tiveram impactos significativos muito além do campo religioso, chegando a afetar outras esferas da sociedade vigente como nas áreas da sexualidade, ética, economia, mas acima de tudo na educação. Ao analisar as orientações internacionais sobre o direito à educação, evidencia-se, atualmente, o prescrito no artigo 26<sup>31</sup> da Declaração Universal dos Direitos Humanos:<sup>32</sup>

1. Toda pessoa tem direito à educação. A educação será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais.
2. A educação elementar será obrigatória. (...) A educação será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais.
3. A educação promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.
4. Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de educação que será ministrada a seus filhos.

Além disso, é conhecido que a educação, com o passar do tempo, se tornou uma plataforma importante para o Estado. No Brasil, por exemplo, vemos que na Constituição Federal, em seu Artigo 205 “A educação, [é] direito de todos e dever do Estado e da família [...]” (Brasil [Constituição (1988)], a educação assume uma relevância singular, ou seja, ela propôs que a educação seja oferecida a todos indistintamente e, gratuitamente, dizendo que é dever do Estado e da Família oferecê-la.

Como se pode ver, a Carta Magna da Federação Brasileira, diz que o Estado tem o dever de oferecer a educação gratuita e de qualidade a todos. No entanto, sabemos que nem sempre fora assim. Durante muitos anos, o direito a educação era de poucos, principalmente no período Medieval, que por muito tempo fora estigmatizado como a “Idade das Trevas”, haja vista, conforme Carpentier (2012, p. 06), vai dizer que “antigamente, os historiadores consideravam a Idade Média um período de decadência entre a prestigiosa Antiguidade e o Renascimento, quando os europeus reataram com a civilização antiga [...]”.

Contudo, esses princípios já haviam sido norteados na Reforma Protestante, em que Martinho Lutero, um monge agostiniano, após se tornar doutor em Teologia, se propôs a ser uma voz dos menos favorecidos. Ainda convém lembrar, no entanto, que muitos outros homens compartilharam de tais ideais e o auxiliaram na luta em prol de uma reforma na igreja

<sup>31</sup> Disponível em: [Declaração Universal dos Direitos Humanos](#). Acesso dia 16/10/2024.

<sup>32</sup> Encontra-se conteúdo semelhante sobre educação nos Pacto Internacional dos Direitos Cíveis e Políticos e Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, ambos ratificados pelo Brasil, em 1992, que incorporaram os direitos constantes na Declaração Universal atribuindo a estes força jurídica obrigatória e vinculante (PIOVESAN, 2011). Esses três documentos compuseram a International Bill of Rights (Carta Internacional dos Direitos Humanos).

estendendo-a a outros reformadores em diferentes locais, como Calvino, na França, Zwinglio, na Suíça, John Knox, na Escócia, entre outros.

Lutero foi uma figura emblemática, primeiro por ser o pioneiro dos movimentos reformistas, mas também pelos seus ideais, dentre os quais pode-se destacar o acesso à educação, porque para o monge agostiniano, todos deveriam ter direito a educação de qualidade e gratuita, por isso, vai dizer que isso deveria ser prerrogativa do Estado Alemão oferecê-la, conforme analisaremos a partir de então.

### **3.1. A Reforma de Lutero e a Educação**

Para o desenvolvimento deste capítulo e análise das fontes, será utilizado o método da Análise do Discurso, conforme apresentando anteriormente, sendo que a linguagem que examinaremos será o discurso religioso, que de acordo com Eni P. Orlandi (1996), pode ser compreendido de algumas maneiras: (1) *o discurso religioso é aquele em que fala a voz de Deus*: a voz do padre – ou do pregador, ou, em geral, qualquer representante seu – é a voz de Deus; (2) há um desnivelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte: o locutor é do *plano espiritual* (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do *plano temporal* (os sujeitos, os homens). Nesse sentido, pode-se dizer que há uma desigualdade entre os dois planos, em o locutor e o ouvinte pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferente e afetadas por um valor hierárquico.

Lutero era alguém que via na educação um meio de fazer com que o evangelho chegasse às pessoas de maneira mais eficiente, tanto que Beck (2018, p. 299), ao escrever a introdução do texto “Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs”, vai dizer que para Lutero “as Escrituras Sagradas, escreve ele, devem constituir o principal objeto de estudo, tanto nas escolas superiores, como nas inferiores. Para entendê-las, é preciso estudar as línguas e as artes liberais.” Além disso, ele aponta que para Lutero, “as obras dos pais da Igreja devem ser estudadas somente na medida em que conduzam ao estudo das Escrituras. Convém estudar a natureza por observação direta, e não tanto pela leitura de Aristóteles e dos comentaristas” (Lutero, 2018, p. 299).

Bittar (2009, p. 32), vai dizer que o luteranismo foi o movimento que mais exerceu influência sobre a escola, que para Lutero, cada cristão deveria ler e interpretar as escrituras por conta própria, porquanto cada pessoa deveria ser alfabetizada para poder estudar a bíblia sem a intermediação do clero. Por isso, passou a defender que todas as crianças, meninos e meninas, tivessem acesso à escola, sendo até mesmo obrigado pelos pais a irem.

Pode-se dizer que, para Lutero a educação, além de papel religioso, era formadora da sociedade e, conseqüentemente, ela subordinada a sociedade, ou seja, ao mesmo tempo que a educação ditava o rumo que uma sociedade deveria tomar, era a sociedade por meio da educação que ela queria propor que ditava os rumos da educação. Assim, Marrach (2009, p. 79), descreve que “a educação, constitui fenômeno secundário, subordinado à civilização, da qual representa um resumo, uma condensação, uma síntese. A escola inicia a juventude na cultura real de uma civilização, de uma sociedade”.

O reformador tinha como parâmetro educacional a antiga Roma, como se pode ver em seus dizeres:

Como procedeu a cidade Roma? Ela educava seus meninos de tal maneira que dentro de quinze, dezoito ou vinte anos dominavam perfeitamente o latim, o grego e toda sorte de artes liberais. Daí passavam diretamente para o serviço militar e para o serviço público; disto resultaram homens sensatos, ajuizados e excelentes, munidos de toda sorte de conhecimentos e experiência. Se hoje fundissem todos os bispos e todos os padres e monges da Alemanha num só bolo, não se encontraria tanto quanto se encontrava num único soldado romano. Por essa razão Roma progrediu; havia gente apta e preparada para todas as atividades. Assim a necessidade obrigou, em todos os tempos e no mundo inteiro, inclusive entre os gentios, a manter professores, se é que se quisesse fazer alguma coisa boa de um povo. Por isso, também se adotou o termo ‘pedagogo’ em S. Paulo, Gl 4 [sc. 3.24], pois o termo é tirado do uso comum da vida humana quando diz: ‘A lei foi nosso pedagogo’ (Lutero, 2018, p. 309).

Ao se ler os escritos de Lutero, percebe-se que seu padrão de sociedade era o da cidade de Roma, que nos dizeres dele educava um menino de tal forma que com o passar dos anos esse dominava os assuntos estudados, como as línguas latinas e grega, bem como o Trivium e o quadrivium, isto é, as artes liberais. Por isso, para ele, as escolas eram extremamente importantes, colocando-as no mesmo patamar do espiritual, algo que até então era inconcebível.

Agora queremos ocupar-nos com o corpo, como se não existíssemos alma, nem céu nem inferno, e como se tivéssemos que considerar apenas o regime secular em relação ao mundo<sup>33</sup> e perguntar se este não tem maior necessidade de boas escolas e pessoas instruídas do que o regime espiritual. Pois até agora os sofistas<sup>34</sup> não se importaram com ele em absoluto e orientaram as escolas com tal exclusividade para o estado clerical que inclusive era considerado escândalo quando uma pessoa douta contraia matrimônio. Essa tinha que ouvir: ‘olha, este aí se torna secular e não quer ser clerical’, como se seu estado clerical fosse agradável a Deus e o secular (como o denominam) inteiramente do diabo e acristão. (Lutero, 2018, p. 317)

<sup>33</sup> Lutero expõe detalhadamente a distinção dessas duas esferas em seu tratado sobre a liberdade Cristã (cf Obras selecionadas, v. 2, pp. 435ss).

<sup>34</sup> Lutero considera todo o sistema eclesiástico da época, sob o domínio do Papa e sob a orientação dos “sofistas”, como obra de poderes satânicos (Lutero, 2018, p. 317).

Como se pode ver, Lutero, tinha uma mente voltada ao religioso, mas também estava preocupado com aspectos educacionais e sociais. Diante disso, vai dizer que não se pode fazer escolas apenas voltadas ao clero, prática habitual até então. Ao contrário, para ele os dois aspectos deveriam ser levados em conta o religioso e o educacional. Por isso, afirma-se que na época dele, ainda não havia se rompido a Idade Média e iniciado a Moderna, como alguns dizem, pois como se pode ler acima, ainda havia práticas medievais acontecendo e ele é um dos primeiros a ser contrário ao modo educacional vigorante até então.

Outro aspecto a se destacar em Lutero é a tentativa de conciliação que ele propunha entre trabalho e escola. Bittar (2009, p. 32), nos aponta que “criticando a escola de então, Lutero colocou acento na utilidade social da instrução, tentando conciliar o respeito pelo trabalho manual produtivo com o tradicional prestígio do trabalho intelectual”. E isso, também pode ser encontrado nos escritos de Lutero, conforme se observa:

Agora argumentas: ‘quem pode dispensar seus filhos deste modo e transformar a todos em aristocratas? Ele tem que cuidar do serviço em casa’ [...] os meninos devem ser enviados a estas escolas diariamente por uma, duas horas e, não obstante, fazer o serviço em casa, aprender um ofício ou para o que sejam encaminhados, para que as duas coisas andem juntas enquanto são jovens e podem dedicar-se a isso [...] também uma menina pode dispendir diariamente uma hora para ir à escola e, ao mesmo tempo, cumprir perfeitamente suas tarefas domésticas. (Lutero, 2018, p. 320)

Lutero era alguém que entendia a importância do trabalho na vida da pessoa, no entanto, para ele deveria haver um momento do dia que a criança tiraria para estudar. Para embasar sua argumentação, o monge se usou do exemplo de Jesus de Nazaré, que trabalhou como carpinteiro, de Maria, que ordenhava as vacas e cuidava da casa, bem como de Pedro, que era exímio pescador (Bittar, 2009, p. 32).

O assunto escola, educação, era algo extremamente urgente, por isso, em 1524, na carta aberta *Aos Conselhos de todas as Cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs*, ele vai apontar que a educação é propiciadora de benfeitoria ao Estado, por isso, descreve-nos Lutero que “[...] apontar os estudos clássicos com vistas à formação de lideranças para a Igreja e o Estado. Increpando a missão dos bispos e príncipes, encarece a criação de escolas latinas aos governantes das cidades mais progressistas e sensíveis à Reforma” (Lutero, 2018, p. 300).

Além disso, ele vai fazer recomendações a todos os príncipes da Alemanha, clamando para que se criem escolas do estudo das línguas na Alemanha, e que se criassem bibliotecas, e que deveria se usar todos os recursos possíveis na “[...] manutenção de tais escolas e do estudo das línguas na Alemanha, que não se poupem esforços nem dinheiro para a instalação

de livrarias ou bibliotecas, especialmente nas grandes cidades que tenha condições para tanto” (Lutero, 2018, p. 322).

Um aspecto interessante sobre a maneira que Lutero via a educação é a perspectiva pedagógica lúdica<sup>35</sup>, para ele a educação precisava ser atrativa e participativa. Conforme se pode ver, ele entendia que:

Ora, a juventude tem que dançar e pular e está sempre à procura de algo que cause prazer. Nisto não se pode impedi-la e nem seria bom proibir tudo. Por que então não criar para ela escolas deste tipo e oferecer-lhes estas disciplinas? Visto que, pela graça de Deus, está tudo preparado para as crianças possam estudar línguas, outras disciplinas e História com prazer e brincando (Lutero, 2018, p. 319).

O reformador entendia que a educação era mais proveitosa quando se aprendia brincando, ou seja, quando o processo de aprendizagem era voltado para o aluno e não centrado apenas no educador, por isso, o lúdico tinha um papel importante. No entanto, para ele, não era isso acontecia, as escolas eram pesadas e penosas para os alunos. Nos dizeres dele:

Pois as escolas de hoje [podem não ser] o inferno e purgatório de nossas escolas nas quais éramos torturados com declinações e conjugações, e de tantos açoites, tremor, pavor e sofrimento não aprendemos simplesmente nada. Se tomamos tanto tempo para ensinar às crianças jogos de tabuleiros, a cantar e dançar, por que não tomamos o mesmo tempo para lhes ensinar a ler e outras disciplinas, visto que são jovens e têm tempo, são capazes e têm vontade? Falo por mim mesmo: se eu tivesse filhos e tivesse condições, não deveriam aprender apenas as línguas e História, mas também deveriam aprender a cantar e estudar música com toda a Matemática. Pois, que é tudo isso, senão, meras brincadeiras de criança nas quais os gregos outros educaram suas crianças e do que resultaram pessoas excelentes, preparadas para toda sorte de atividades. (Lutero, 2018, p. 319)

No século XVI, Lutero, já entendia a importância do lúdico, do brincar e de usar meios atrativos para que se pudessem transmitir os conteúdos. Para ele, era possível desenvolver o processo educacional de maneira que o educando fosse valorizado e suas potencialidades desenvolvidas por meio do ato de brincar.

### **3.1.1 Lutero e a educação humanista: o retorno as fontes “*Ad Fontes*”**

---

<sup>35</sup> Pode parecer até um tanto fora de lugar falar de ludicidade na educação, no tempo de Lutero, quando a criança ainda era pouco considerada, tida como um adulto em miniatura, um projeto. No entanto, observa-se que Lutero, se antecipou ao seu tempo, pois sua concepção de infância na relação com a educação ressaltava o prazer na arte de brincar, pular e dançar (Jardilino, 2009, p. 58).

O humanismo e a renovação do saber; levaram a constituição de uma nova pedagogia, bem com a criação de escolas onde os jovens pudessem ser exercitados nesse novo ideal de formação, distanciando-se, assim, dos padrões estabelecidos pela igreja; até então. Dentre esses ideais, o homem assumiu o centro, e o individualismo fora exaltado (Nunes, 2018, p. 41).

Fulbrook (2016); vai dizer o pensamento de Lutero fora moldado pelo humanismo, diante disso, ele era alguém que rejeitava, veementemente, a escolástica e suas correntes<sup>36</sup>. Além do mais, ele era alguém extremamente versado, considerando chegar a escrever um tratado em média a cada duas semanas. Por isso, Cairns (1984, p. 221), descreve que se percebe que Lutero busca romper com os fundamentos da velha sociedade medieval, buscando assim, o estabelecimento de um novo mundo alicerçado em novas ideias.

Compreende-se que o Renascimento já estava propondo algumas transformações, e essas propostas foram fundamentais para que se criassem um clima intelectual que favorecesse o desenvolvimento do Protestantismo e, conseqüentemente, do pensamento de Martinho Lutero. No entanto, precisa-se diferenciar os movimentos, levando em consideração que o Renascimento da Itália tinha contornos humanistas e pagãos, o movimento reformista de Lutero se embasou nos ideais humanistas, mas com foco no estudo da Bíblia nas línguas originais (Cairns, 1984, p. 223).

Diante disso, pode-se dizer que:

O próprio termo *humanismo*, hoje tão livremente, jogado de um lado para outro, referia-se nos séculos XV e XVI não tanto a uma filosofia universal de vida quanto a um método particular de aprendizado com base na redescoberta e no estudo das fontes clássicas da antiguidade, tanto pagã, isto é, romana e grega, quanto cristã. Dessa forma, o humanismo do período da Renascença e da Reforma estava muito mais próximo do que entendemos por humanidades atualmente. *Ad Fontes!* – de volta às fontes – era o mote dos estudiosos humanistas, cujo trabalho abriu novas perspectivas na história, na literatura e na teologia (George, 1993, p. 48).

Ao se analisar os escritos de Lutero, se vê, claramente, ele se usando dos princípios humanistas, especialmente, seu interesse pelas línguas originais que a Bíblia havia sido escrito. Para o reformador, o uso das línguas é de extrema relevância, conforme descreveu:

Se as línguas não tivessem outra utilidade, não obstante nos deveria alegrar e estimular com razão o fato de se tratar de um tão maravilhoso e nobre dom de Deus com o qual Deus contemplou e agraciou a nós alemães tão ricamente, muito mais do que a outros países [...] por isso, caros alemães, abramos os olhos, agradeçamos a Deus por esse precioso tesouro e preservemo-lo, para que não nos seja tirado novamente e o diabo faça de nós gato e sapato. Porque não podemos negar: embora o Evangelho tenha vindo até nós exclusivamente pelo Espírito Santo e ainda venha

---

<sup>36</sup> Lutero compartilhava aversão pela escolástica e pelo “paternalismo do prelado” (embora Lutero tenha rompido com os humanistas em sua crença na grandeza e soberania de Deus, e impotência dos seres humanos) e pelas correntes da piedade e da escolástica conhecidas como *devotio moderna* e *via moderna*.

diariamente, isso aconteceu por intermédio da linguagem e através dela se desenvolveu; e por meio dela também há de ser preservado. Pois quando Deus quis levar o Evangelho a todo o mundo por meio dos apóstolos, deu concomitantemente também as línguas. Antes já havia difundido o grego e o latim em todos os países por meio do regime romano [...] (Lutero, 2018, p. 311).

Nota-se que Lutero apela para que a língua fosse preservada e ensinada. Isso se torna relevante por dois aspectos: primeiro, pelo fato dele querer que o povo aprendesse e estudasse as línguas, inclusive o alemão; e segundo, por contrariar o pensamento clerical que levava ao estudo das línguas apenas os padres, bispos, ou seja, pessoas que fossem ligadas ao clero, no entanto, o reformador apontou que todas as pessoas da Alemanha deveriam aproveitar a oportunidade de aprendê-las. Para ele, “assim como nos é caro o Evangelho, preservemos as línguas com o mesmo afã. Pois não foi sem motivo que Deus mandou que sua Escritura fosse escrita apenas em duas línguas: o Antigo Testamento em hebraico, e o Novo em grego [...]” (Lutero, 2018, p. 311).

De acordo com George (2015, p. 34), a reforma foi sobre a Bíblia<sup>37</sup>, mas também foi sobre palavras, tendo em conta “pequenos folhetos e cartazes impressos chamados de flugschriften (‘escritos voadores’), com suas xilogravuras e representações [...] e acontecimentos da Reforma, tornaram-se o meio escolhido para a comunicação em massa no início da era da impressão”. Lutero se usou de forma maestral das palavras para que sua mensagem fosse disseminada.

O Reformar alemão trazia consigo os pilares do Humanismo, que de acordo com George (2015, p. 41), são: o estudo da História, da Retórica e a Ética Social. Diante disso, pode-se dizer que ele tinha como objetivo a formação intelectual do povo, e não apenas o aspecto religioso. Por isso, o estudo das línguas lhes era muito importante, ao ponto dele dizer, que enquanto elas estavam sendo obscurecidas nada se viu acontecer, e que agora que as línguas estão novamente em voga, a luz tem raiado (Lutero, 2018, p. 313). Além disso, para o reformador, tanto o estudo da História quanto a obtenção da eloquência levavam a um resultado prático, ou seja, “o melhoramento da sociedade por meio do ativismo cívico e da reforma social” (George, 2015, p. 43).

Diante do exposto, pode-se proferir que os ideais educacionais de Lutero foram fortemente norteados pelos humanistas, onde algumas disciplinas foram valorizadas, dentre elas a História e as Línguas, por meio do conceito de *Ad Fontes*, ou seja, o retorno as fontes. Como monge agostiniano, o aspecto religioso estava sempre presente em suas argumentações,

---

<sup>37</sup> O impacto da Bíblia como uma força formadora na Reforma da Europa foi acelerado por dois acontecimentos do século 15: a redescoberta de um vasto depósito de erudição antiga que incluía novos métodos de estudo dela, bem como de outros textos clássicos do passado; e a invenção e o rápido desenvolvimento da prensa topográfica.

até mesmo quando queria evidenciar a importância do estudo para todas as pessoas, conforme se pode observar:

E que seja dito o seguinte: não conseguiremos preservar o Evangelho corretamente sem as línguas. As línguas são as bainhas da espada do Espírito [...] Sim, se o desprezarmos – Deus nos guarde disso! – a ponto de esquecermos as línguas, não perderemos apenas o Evangelho, mas chegaremos ao ponto de não mais falarmos ou escrevermos direito nem o latim nem o alemão. Como prova disso tomemos por exemplo lamentável e assustador as universidades e conventos, nos quais se desaparece o Evangelho, mas também se corrompe a língua latina e a alemã. Ai então as miseráveis pessoas quase viraram bichos; não sabem falar ou escrever corretamente nem alemão nem latim e quase perderam inclusive a razão natural (Lutero, 2018, 312)

Encontra-se o currículo humanista evidenciado em toda a proposta educacional de Lutero, por isso, Jardimino (2009, p. 69), vai nos dizer que entusiasmado com os avanços da época: o progresso das artes gráficas e com a publicação de muitos livros, Lutero, admoestas as cidades que não apenas criem escolas, mas também mantenha bibliotecas, onde o estudante teria acesso aos estudos que até então não lhe era oferecido.

### **3.1.2. Lutero e a crítica a educação monástica e clerical**

Lutero veio de uma formação humanista e, por isso, ele se baseava no retorno aos clássicos, como se pode ver em seu fascínio pela Roma antiga, mas, além disso, pode-se dizer que era contrário há tudo o que a Pedagogia do passado propunha. Jardimino (2009, p. 31), escreve que “as doutrinas pedagógicas do período, foram criadas em antagonismo às anteriores [...] Rabelias, Erasmo e Lutero, entre outros, são considerados os mais tenazes críticos da Escola medieval.” Isso é evidenciado nos escritos de Lutero, pois ao escrever *Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs*, o reformador vai dizer que:

Não admira que o diabo tome esta atitude a respeito, convencendo os carnis corações mundanos a negligenciarem os filhos e a juventude [...] como poderia admitir ou até estimular que se eduque a juventude corretamente? Ora, seria louco se admitisse e ajudasse a instituir algo em seu reino que, muito breve, o levaria a ruína! [...] Por isso agiu com muita inteligência na época em que os cristãos educavam seus filhos cristãmente e os enviavam às escolas. A multidão de jovens estava escapando de seu domínio e se dispunha a instituir em seu reino algo insuportável. Aí ele interveio e lançou suas redes, constituindo esses conventos, escolas e estados, de modo que um menino poderia escapar-lhe somente por um especial milagre de Deus (Lutero, 2018, p. 304-305).

Para ele os conventos, escolas e estados medievais eram meios usados pelo diabo para enganar a juventude. Sabe-se que a escola medieval era voltada para o clero, como Mullany (2021, p. 145), nos aponta que “o clero estava igualmente interessado na educação das crianças. Nos distritos rurais, os próprios clérigos costumavam dar aula nas escolas”. O clero buscou educar, a sua maneira, mas essa maneira não era suficiente para Lutero. Para ele, o cenário era caótico, como se pode ver:

Além disso, recebemos e tomamos sobre nossas costas as máscaras do diabo, os monges, e o fantasma das universidades, que erguemos a custo de esforços desumanos, e muitos doutores, pregadores, mestres, padres e monges, ou seja, grandes, grosseiros e gordos burros, ornados de barretes vermelhos e marrons [...] durante todo este tempo tivemos que nos satisfazer com professores e mestres deste tipo: eles próprios nada sabiam e não eram capazes de ensinar nada de bom e decente, e também não conheciam os métodos como aprender e ensinar (Lutero, 2018, p. 323).

Lutero era totalmente contrário ao ensino clerical, e a tudo o que lhe pertencia. Por isso, ao seu ver, toda a herança educacional do passado era algo ruim, chegando a dizer que as escolas e universidades medievais só haviam criados mestres, padres, monges, gordos e burros, que nada sabiam, e por isso, não eram capazes de ensinar ninguém. Como diz Bittar (2009, p 35), “já na Idade Média, com a consolidação do Cristianismo, a educação perdeu seu caráter político e cívico passando a ter função de aculturação: o importante passou a ser formar o cristão e não o cidadão”.

Conseqüentemente, o reformador vai conclamar que agora que o povo saiu da ignorância, podiam pegar os recursos empregados nas indulgências, missas, vigílias etc., e fossem usados nas escolas. Para ele, cada cidadão tinha a responsabilidade de romper com o antigo sistema e se abrir para o novo, pensando da seguinte maneira “[...] estando agora livre dessa ladroeira e doações para o futuro, pela graça de Deus, que doravante doe, por agradecimento e para a glória de Deus, parte disso para a escola, para educar as pobres crianças, onde está empregado tão bem” (Lutero, 2018, p. 305)

Apesar de ser um religioso, Lutero tinha um olhar além desse prisma, sem descartá-lo, pois, ele queria formar cidadãos. Diferentemente, do que era direcionado até então, onde, para ele, se formava apenas ignorantes, conforme se pode ver:

Não está evidente que hoje se pode formar um menino em três anos de modo que aos 15 ou 18 anos sabe mais do que lhe puderam ensinar até agora as universidades e conventos? Afinal, que se aprendeu até agora nas universidades e conventos a não ser tornar-se burro, tosco e estúpido? Houve quem estudasse vinte, quarenta anos e não sabe nem latim nem alemão. Não quero nem falar da vida vergonhosa e dissoluta na qual a nobre juventude foi corrompida tão miseravelmente (Lutero, 2018, p. 306).

Lutero, via avanços na educação em seu tempo; se ela fosse levada a sério e conduzida da maneira correta. Por isso, fica-nos evidente que a atuação de Lutero no movimento da Reforma Protestante, bem como suas propostas de mudança na educação da época, deve ser compreendida no contexto histórico e cultural da Alemanha do século XVI, tendo clareza de que, nesse período, a Educação apresentava-se como atividade exclusiva da Igreja com objetivos e público-alvo bem definidos, conforme descrito por ele mesmo.

### **3.2. Lutero e sua influência no Governo Alemão: o governo como proponente de uma educação acessível a todos indistintamente e obrigatória**

Em 1524, na carta aberta *Aos Conselhos de todas as Cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs*<sup>38</sup>, Lutero vai apontar que a educação é propiciadora de benfeitoria ao Estado, e de acordo com Nestor Beck, na introdução do livro de Lutero, vai dizer que esse texto se tornou um clássico da história da educação, e “[...] abriu caminho para a disseminação do ginásio humanista cristão e toda a Europa” (Lutero, 2018, p. 302).

Lutero começa sua argumentação conclamando os líderes da Alemanha que recebessem seu escrito com carinho, pois nos dizeres dele “tenho as melhores intenções convosco e com toda a Alemanha [...]” (Lutero, 2018, p. 303). Por seu turno, Jardimilino (2009, p. 45), nos descreve que Lutero estava convencido de que a ignorância era um grande mal e, por isso, defendia que não se podia imaginar o desenvolvimento da não e, conseqüentemente, da cidade, sem uma reforma na educação. Como se pode ver seu objetivo era legítimo e coerente.

Para ele o sistema vigente era defasado e, conseqüentemente, contrário à vontade divina, conforme observamos:

Pois por meio da palavra de Deus fica evidente o quanto é acristão esse sistema e que visa somente a barriga. Sim, porque o povo carnal se dá conta de que não pode mais colocar os filhos, as filhas e os parentes em conventos e fundações, e que já não pode mais expulsá-los de casa e deixar que vivam às expensas de estranhos; por

<sup>38</sup> A presente exortação aos prefeitos e câmaras das cidades da Alemanha, para que se dignassem a criar e manter escolas cristãs, foi publicada em Wittenberg por Lucas Cranach em janeiro ou fevereiro de 1524. Foi reeditada muitas vezes em Wittenberg, Erfurt, Nuremberg, Estrasburgo e outras cidades da Alemanha no século XVI. Além disso, uma tradução latina de Vicente Obsopous, revista por Filipe Melanchthon, foi publicada em Hagenau, provavelmente, em 1524, reproduzida no sétimo tomo da edição das obras de Lutero em lati, publicado em Wittenberg no ano de 1577, e republicado em Leipzig no ano de 1579. O texto alemão consta nas principais edições de Lutero. A obra está traduzida ao inglês, espanhol, português, entre outras línguas modernas. A presente tradução baseia-se no texto da edição original de Lucas Cranach, conforme reproduzido na edição crítica de Weimar das obras de Lutero (Lutero, 2018, p. 302).

isso, ninguém mais quer proporcionar ensino e estudo aos filhos. ‘Pois é’, dizem eles, ‘que haverão de estudar se não podem tornar-se padres, monges e freiras? Que aprendam algum ofício com que possam sustentar-se’ (Lutero, 2018, p. 303-304).

Para Lutero, o Estado deveria assumir o papel que até então a Igreja era detentora. Ele vai dizer que a maneira que as escolas estavam sendo conduzidas eram contrárias a vontade de Deus, chegando até mesmo a dizer que era acristão. Além disso, ele vai apontar que o fato de agora os pais não poderem mais enviar seus filhos para os conventos e fundações, não querem mais que eles tenham nenhuma educação, pois se não vão se tornar mais padres e freiras, por que os obrigar a estudar? Vai dizer também que a educação precisava exceder o âmbito religioso e permear o âmbito social, ou seja, para ele, a educação era formadora do cidadão como pessoa, oferecendo-lhe dignidade e meios de se viver.

A educação, para o reformador, deveria ser observada pelos príncipes alemães como algo essencial, pois “[...] sabemos ou deveríamos saber, o quanto é útil e o quanto agrada a Deus quando um príncipe, senhor, conselheiro ou outra pessoa que deve governar é instruída e apta para exercer esta função cristãmente.” (Lutero, 2018, p. 318). Como se pode ver, para Lutero a educação era a base norteadora de uma sociedade, pois quando um líder é bem instruído ele tem mais capacidade de conduzir o povo de maneira sábia.

Piletti, Piletti (2024, p. 71), expõe que o reformador foi uma das vozes que buscou contrariar o que se pensava e fazia na época, dizendo que tanto os meninos quanto as meninas deveriam frequentar as escolas e serem educadas, porquanto, o ensino deveria chegar a todo o povo, seja rico ou pobre, nobre ou plebeu, todos, indistintamente, deveria ser educado. E que era dever do Estado, fazer com que isso acontecesse, por meio da obrigatoriedade da frequência escolar.

Lutero via que a negligência na educação da juventude era algo que feria a Deus e, por isso, era pecado, por isso, ele diz que em sua opinião “[...] nenhum pecado exterior pesa tanto sobre o mundo perante Deus e nenhum merece maior castigo do que justamente o pecado que cometemos contra as crianças, quando não as educamos.” (Lutero, 2018, p. 307).

A Reforma Protestante trouxe mudanças de paradigmas em diversos âmbitos, por isso, pode-se dizer que as exortações de Lutero; se encontra dentro um contexto muito mais amplo, ou seja, dentro de uma nova perspectiva sociopolítica e econômica, que agora exigia que se empregasse uma nova maneira de formar o sujeito para aquela sociedade. Essa nova formação focava em dar ao sujeito a capacidade necessária para lhe dar com as grandes exigências que estavam surgindo no acelerado século XVI (Jardilino, 2009, p. 47).

Surgia naquele momento instituições públicas que acabaram centralizando a vida na cidade e, por isso, despendia de pessoas preparadas para a administração dessas empresas públicas, bem como para que o comércio lograsse êxito. Diante disso, Lutero trabalha para a escola pudesse formar esses cidadãos capazes de gerir a máquina pública e todos os empreendimentos emergentes. E essa tarefa não poderia ser dada aos pais, mas sim ao Estado, que deveria assumir o papel de formador de seu cidadão (Jardilino, 2009, p. 47).

Com essas demandas, Lutero sendo um idealista, convoca os conselhos das cidades da Alemanha para que criem escolas, dizendo:

Visto que uma cidade deve e tem que ter pessoas [assim], e visto que a falta delas é sempre a maior necessidade, a maior carência e a queixa mais frequente, não se deve esperar que cresçam por si só; também não pode talhá-los em pedra ou madeira; da mesma forma Deus não fará nenhum milagre enquanto se pode resolver a carência por outros meios oferecidos por sua bondade. Por isso temos que tomar a iniciativa e dedica esforço e recursos a esta causa. Nós haveremos de formar e arregimentá-los. Pois de quem é a culpa se hoje são tão raras nas cidades as pessoas bem-preparadas, senão das autoridades? Deixaram a juventude crescer como as árvores no mato, sem se preocuparem como ensinar e educá-la; por essa razão se desenvolveram de modo tão deformado que não servem para nenhuma construção, havendo somente uma capoeira imprestável útil somente para o fogão.

Pode se ver, nesse discurso, que ele começa sua argumentação para que os Conselhos criem as escolhas mostrando-lhes o quanto sua negligência tem afetado a nação, ou seja, o quanto a juventude havia sido malformada. Mas, para o reformador ainda havia tempo de mudar essa situação, desde que houvesse a vontade de se criar escolas e empregar os recursos necessários para isso.

Lutero tinha um ideal de Alemanha a ser criado que para ele isso só seria possível se de fato os príncipes olhassem para as escolas com mais entusiasmo e entendessem a importância delas. Por isso, mais uma vez ele apela aos príncipes, dizendo:

Mesmo que (como já disse) não existisse alma e não se precisasse das escolas e línguas por causa da Escritura e de Deus, somente isso já seria motivo suficiente para instituir as melhores escolas tanto para meninos como para meninas em toda parte, visto que também o mundo precisa de homens e mulheres excelentes e aptos para manter seu estado secular exteriormente, para que então os homens governem o povo e o país, e as mulheres possam governar bem a casa e educar bem os filhos e a criadagem. Ora, tais pessoas devem surgir dentre os meninos, e tais mulheres devem surgir dentre as meninas. Por isso urge que se eduquem meninos e meninas para isso. Já disse acima que o homem simples nada faz nem o pode fazer, nem o quer, nem o sabe. São os príncipes e senhores que o deveriam fazer. Esses, porém, estão ocupados com passeios de trenó, bebedeiras e carnaval [...] por isso, a responsabilidade fica exclusivamente convosco, caros conselheiros; vós também tendes espaço e autorização para isso, melhor que príncipes e senhores (Lutero, 2018, p. 318).

Lutero, convoca os príncipes e os conselhos da Alemanha para a responsabilidade de se criarem escolas, cujo objetivo era formar o cidadão alemão. Para o monge agostiniano, o homem sem instrução não sabe e nem pode fazer nada, por isso, se fazia necessário que se fossem estabelecidas as melhores escolas, onde os meninos e meninas fossem formadas e orientadas para a vida.

Conforme Altmann (1994, p. 203), vai dizer, Lutero sabia que os príncipes estavam atarefados com muitas preocupações, e nem eram capacitados para construir escolas por toda a parte. Por isso, ele propõe que os Conselhos municipais cumpram essa tarefa, ficando assim, a responsabilidade de cada cidade criar sua escola. Diante disso, parece-me que aqui começa-se a pensar o ideal da modernidade, que será concretizado nas revoluções.

Acredita-se que Lutero; teve uma influência muito grande no desenvolvimento da Alemanha do Século XVI, por isso, Bittar (2009, p. 32), nos aponta que “[...] a pregação de Lutero acabou forçando a autoridade imperial a assumir essa nova concepção de uma escola pública para a formação dos cidadãos”. Ademais, em 1549, o Imperador Carlos V decretou que as escolas não fossem negligenciadas, pois delas dependiam a Igreja e o Estado. Assim, Lutero (2018, p. 325), termina sua carta dizendo, “[...] com isso recomendo a todos à graça de Deus; ele queira comover e inflamar vossos corações, a fim de que se dediquem com seriedade à pobre juventude abandonada [...]”, por isso, criem escolas para que elas sejam amparadas e cuidadas.

Observa-se que a proposta educacional de Lutero, pregava o trabalho, e a busca pelo lucro, estando assim, mais próxima a filosofia protestante dos ideais burgueses (Jélvez, 2013, 43), ou seja, para Jardimino (2009, p. 48), “a escola para o trabalho (ou técnica, sem ser agressivo) é de certa maneira ensaiada pelo reformador”, além disso, “se fossemos atrevidos, poderíamos dizer que a questão da educação e do trabalho já estava posta no projeto pedagógico da Reforma, uma vez que [...] estava inserida a aprendizagem de um ofício profissional artesanal” (Jardilino, 2009, p. 48).

### **3.2.1 Lutero e a valorização dos professores**

Um aspecto a se destacar nos escritos de Lutero são suas defesas aos professores. Por ter tido uma formação, que ao seu ver não era adequada para a formação de um cidadão, sabia que para seus objetivos de contribuir para a formação da sociedade alemã, os professores precisavam ser tratados em alta estima (Linderbg, 2017, p. 84-85). Por isso, vai dizer que o mesmo investimento que se tinha com as guerras, deveria se ter para manter professores. É de

se destacar, que ele já entendia que o Estado deveria manter e sustentar os professores, pois só assim a educação seria oferecida com qualidade (Lutero, 2018, p. 305).

O reformador ainda vai dizer que em sua época, havia educadores muitos capacitados, desta forma: “temos hoje os melhores e mais doutos jovens companheiros e homens com conhecimentos linguísticos e toda a ciência; esses poderiam muito bem produzir algo útil se fossem aproveitados para instruir a juventude.” (Lutero, 2018, p. 306). Lutero, via uma mudança de paradigma educacional acontecendo, principalmente, no aspecto dos professores, como se pode observar, para ele, na Alemanha do século XVI, havia muitos mestres capacitados e aptos para desenvolver o trabalho docente com maestria.

No entanto, para Lutero, o Estado deveria oferecer formação continuada aos professores, ao dizer, “nós haveremos de formar e arregimentá-los. Pois de quem é a culpa de hoje são tão raras nas cidades as pessoas bem-preparadas, senão das autoridades? Deixaram a juventude crescer como as árvores no mato, sem se preocuparem como ensinar e educá-la” (Lutero, 2018, p. 310). Como se pode verificar, o reformador vai dizer que a culpa de se ter maus professores é do Estado, que não lhes formou da maneira que deveria ser e, por isso, precisa-se mudar essa realidade.

Percebe-se que Lutero, acreditava piamente que a Alemanha só seria um povo desenvolvido, se tivesse professores qualificados. Nesse sentido, observa-se que a criação das escolas por parte dos conselhos das cidades, precisava ser pareada com a preparação dos professores, haja vista, o cidadão alemão só se desenvolveria se fosse bem formado, como pode ser visto nos escritos de Lutero:

Se, porém, fossem ensinados e educados em escolas ou em instituições, onde houvesse mestres e mstras instruídos e disciplinados, que ensinassem línguas e outras disciplinas e História, aí então conheceriam a história e a sabedoria do mundo inteiro, a história desta cidade, deste império, deste príncipe, deste homem, desta mulher e, desta forma, poderiam ter diante de si, em breve tempo, como um espelho, a natureza, a vida, conselho, propósitos, sucessos e fracassos do mundo inteiro. Isso lhes serviria se orientação para seu pensamento e para se posicionarem dentro do curso do mundo com temor de Deus. Além disso, a História os tornaria prudentes e sábios, para saberem o que vale a pena perseguir e o que deve ser evitado nesta vida exterior, e para poderem aconselhar e governar a outros de acordo com estas experiências. (Lutero, 2018, p. 319).

Para Eby (1976, p. 62), Lutero deve ser reconhecido como o primeiro reformador a defender a educação obrigatória, pois ele insistiu dizendo que era obrigação das autoridades municipais e dos príncipes estabelecer e sustentar escolas; e foi tão longe a ponto de exigir, para o bem do Estado, da cidade e da Igreja, que os pais fossem obrigados a enviar seus filhos à escola. Como se pode ver, Lutero inicia a construção de um sistema universalizante de

escola básica na Alemanha do século XVI, chegando até mesmo a exortar essas autoridades à obrigatoriedade dos pais de enviarem seus filhos aos estudos básicos. (Jardilino, 2009, p. 48)

### 3.3. Lutero e a ordem aos pais enviarem os filhos para as escolas.

Já o texto *Uma Prédica para que se mandem os filhos à Escola*, foi escrito por Lutero, em julho de 1530 e publicado em Wittemberg, em agosto do mesmo ano. Nesse período, ele se encontrava refugiado na fortaleza de Coburgo e, de acordo com Nestor Beck (Lutero, 2018, p. 326), na introdução do texto, foi durante esse período que ele aproveitou o momento para realizar projetos literários e assessorar, por cartas, o eleitor da Saxônia durante a assembleia imperial, em Augsburgo.

O texto foi dedicado por Lutero ao secretário do Conselho da cidade de Nürnberg, Lázaro Spengler, que havia instituído e instalado, nessa cidade, em 1526, por iniciativa e orientação de Filipe Melanchthon, o Ginásio de Egídio, que segundo o próprio Lutero, era uma excelente e maravilhosa escola com professores dos mais qualificados (Lutero, 2018, p. 327).

Ao escrever esse texto, ele faz um apelo aos pais para que enviem os seus filhos à escola, pois para ele era de extrema importância que todos os meninos e meninas recebessem uma educação formal cristã e social, e, para isso, vai dizer que todos, indistintamente, de classe social, de que família pertencessem, deveriam frequentar a escola (Barbosa, 2007, p. 137). Percebe-se algo inovador nessa questão, porque até então a educação era oferecida aos filhos dos ricos, e aos dos pobres que queriam se tornar parte do clero. Destarte, Lutero descrevia que “quando eu era moço, era corrente na escola o seguinte ditado: *‘Non minus est negligere scholarem quam corrumpere virginem’* – ‘negligenciar um estudante não é crime menor do que violentar uma virgem’” (Lutero, 2018, p. 307).

Diante disso, apela aos pais dizendo que não enviar os filhos para a escola era pecado e vergonhoso “na verdade, é pecado e vergonha o fato de termos chegado ao ponto de haver necessidade de estimular e de sermos estimulados a educar nossos filhos e a juventude e de buscar o melhor para eles.” (Lutero, 2018, p. 307). Ele sabia da importância dos pais na formação dos filhos, por isso, também, vai dizer-nos:

De que nos valia se, no mais, tivéssemos e fizéssemos tudo e fôssemos todos santos, mas deixássemos de fazer aquilo que é a razão principal de nossa existência: a educação da juventude? Em minha opinião, nenhum pecado exterior pesa tanto

sobre o mundo perante Deus e nenhum merece maior castigo do que justamente o pecado que cometemos contra as crianças, quando não as educamos (Lutero, 2018, p. 307).

Neste discurso, observa-se que Lutero se usa da devoção de cada família, para lhes alertarem de suas obrigações de enviar seus filhos para a escola. Além disso, ele denuncia o fato, de muitas vezes, as pessoas só se atentarem para o fato de os filhos serem instruídos em relação a um ofício onde eles poderiam ajudar financeiramente com o sustento da família, ou seja, para ele, a única preocupação, que muitas famílias tinham, era com a alimentação e a saúde e, por isso, acabavam não valorizando a educação e, conseqüentemente, não enviavam os filhos para as escolas (Barbosa, 2007, p. 137).

Jardilino (2009, p. 49), ao escrever sobre o texto “uma predica para que se mandem os filhos à escola”, vai fazer a seguinte pergunta: “Bem, mas afinal de quem é o dever de educar?”, e ao analisar o entendimento de Lutero, ele vai dizer que para o reformador essa tarefa era igualmente secular quanto religiosa, ou seja, pode-se dizer que para Lutero, educar era dever do Estado, mas também, dos pais, onde ao Estado cabia a instauração e manutenção das escolas públicas, e que essas fossem gratuita e obrigatória a todos, enquanto para os pais cabia a responsabilidade espiritual de dar os filhos a oportunidade de estudar, pois não fazer isso era pecado.

Para Lutero, uma das artimanhas mais sutis de alguém que queria impedir o progresso, era fazer com que as pessoas simples não quisessem enviar seus filhos para a escola. Ao ponto de ele dizer:

Isso me parece uma verdadeira obra de mestre arte diabólica. Ao ver que hoje já não pode fazer e agir como quer, procura impor sua vontade a nossos descendentes, preparando-os diante de nossos olhos de maneira que nada aprendam e nada saibam, a fim de que, quando estivermos mortos, tenha a disposição um povo despreparado, despojado e indefeso, com o qual possa fazer o que quer. Pois se desaparecerem a Escritura e as ciências, nada mais restará a Alemanha do que uma rude e selvagem horda de tártaros e turcos, e, quem sabe, uma pocilga e uma súcia de animais selvagens (Lutero, 2018, p. 332).

Observa-se claramente; que para o reformador se a educação da Alemanha não fosse levada a sério a nação cairia as minguas, ficando apenas animais selvagens e pessoas sem cultura. Nesse sentido, pode-se dizer que ele objetiva uma nova Alemanha, distante daquela idealizada pela Igreja Católica. Também defendia que os pais eram culpados de o mundo estar da maneira que estava (Lutero, 2018, p. 336). Com o adento da Reforma Protestante, a obrigatoriedade de enviar seus filhos para os conventos já não existia, por isso, muitos pais achavam que não havia mais a necessidade de enviarem os filhos para escola, haja vista, de

não terem mais a perspectiva de seus filhos se tornarem padres, ou as filhas freiras (Jardilino, 2009, p. 66).

Para Lutero a educação deveria ser valorizada não apenas pelo fato dela formar padres ou juristas, isto é, oficiais, mas para a importância que ela tem para a vida da pessoa, como cidadão, ao dizer, “não quero falar do sublime prazer de uma pessoa por ser instruída [...] podendo ler toda sorte de literatura particularmente em sua casa, conversar e relacionar-se com pessoas eruditas, viajar e fazer negócios em países estrangeiros” (Lutero, 2018, p. 351-352).

Cabe dizer, que para o reformador os Conselhos das cidades deveriam obrigar os pais a enviarem seus filhos as escolas, e para isso, ele vai lhes fazer as seguintes arguições:

Pois não, objetas tu, isso tudo diz respeito aos pais. Que têm os conselheiros e as autoridades a ver com isso? Está certo; no entanto, que acontece se os pais não o fazem? Quem o fará? Simplesmente não se fará nada e as crianças ficam negligenciadas? Acaso as autoridades e o conselho querem desculpar-se e dizer que isso não lhes diz respeito? [...]” (Lutero, 2018, p. 308)

Além disso, ele diz: “por isso certamente será da competência do conselho e das autoridades dedicar o maior cuidado e o máximo empenho a juventude. A eles, como curadores, foram confiados os bens, a honra, corpo e vida de toda a cidade.” (Lutero, 2018, p. 309). Ao apontar que os conselhos deveriam prover a educação gratuita e obrigatória e apelar para que os pais obedecessem enviando seus filhos para a escola, Lutero, estava olhando para o futuro de uma nação e, conseqüentemente, de uma cidade, ao dizer:

Agora, o progresso de uma cidade não depende apenas do acúmulo de grandes tesouros, da construção de muros de fortificação, de casas bonitas, de muitos canhões e da fabricação de muitas armaduras. Inclusive, onde existem muitas coisas dessa espécie e aparecem alguns tolos enlouquecidos, o prejuízo é tanto pior e maior para a referida cidade. Muito antes, o melhor e mais rico progresso para uma cidade é quando possui homens bem instruídos, muitos cidadãos ajuizados, honestos e bem-educados. Estes então também podem acumular, preservar e usar corretamente riquezas e todo tipo de bens (Lutero, 2018, p. 309).

Nota-se nesse discurso, que para Lutero, o progresso e desenvolvimento estava na formação das pessoas, isto é, na capacidade de uma nação investir na educação, nesse sentido, pode-se dizer que Lutero entendia que a Alemanha do século XVI, ainda estava presa aos paradigmas de outrora e que só experimentaria o avanço se a educação fosse tratada como prioridade, tanto pelo Estado, ou seja, pelos príncipes e Conselhos das cidades, bem como pelos pais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebe-se que Lutero foi alguém que valorizou o indivíduo, mesmo sabendo que seu intuito era religioso. Compreendemos, desse modo, que ele foi um dos primeiros a propor uma educação que valorizasse o professor e buscasse o lúdico como meio do fazer educacional. Nesse sentido, observa-se que entendia que todos deveriam ser ensinados e, para isso, suas potencialidades precisavam ser valorizadas.

Além disso, se vê nitidamente uma forte influência do pensamento humanista em seu fazer e saber educacional, tanto que se encontra diversos elementos usados pelos humanistas renascentistas em seu discurso, dentre os quais podemos destacar o retorno as fontes, isto é, “*Ad Fontes*”, ideia usada pelos humanistas como valorização ao clássico, ou seja, o retorno as fontes clássicas, e no discurso de Lutero as línguas nas quais a Bíblia fora escrita: o grego e o hebraico. Outro fator determinante, é o fato dele contrapor e até mesmo em alguns momentos hostilizar a educação conduzida pelos monastérios e cleros, chegando a dizer que eles não ensinavam, mas fazia um desserviço à educação.

Lutero, também influenciou significativamente o Governo alemão, conforme visto na análise de sua carta aos príncipes da Alemanha. Um fato a se destacar é como ele vai na educação um dos fatores que podem levar uma nação a se desenvolver e, por isso, ele vai dizer que era obrigação dos príncipes e, conseqüentemente, dos conselhos oferecer educação gratuita e de qualidade a todos, indistintamente, isto é, homem ou mulher. Quebrando assim paradigmas vigentes até então. Entendia que o professor precisava ser valorizado. Em um tempo que a educação era voltada apenas ao religioso propôs que as ciências fossem ensinadas, dentre as quais a História deveria um lugar de destaque.

Para ajudar os príncipes e autoridades da Alemanha, Lutero evoca princípios da fé, para apontar a obrigatoriedade de os pais enviarem seus filhos a escola. Isso é algo extremamente relevante, haja vista, no período em questão, os pais usarem os filhos como meio de pôr comida na mesa. Diante disso, o reformador não vai se opor ao trabalho, mas vai dizer que deveria se ter um equilíbrio, em que o jovem trabalhasse, mas; também; tivesse em sua rotina diária um tempo para estudos.

Nesse sentido, Lutero foi alguém que pensou além de seu tempo, valorizando a educação, e a colocando no lugar que ela deveria sempre estar. Além disso, ele pregou que todos deveriam estudar, independente de raça, cor ou sexo. Sonhava com uma Alemanha alfabetizada e trabalhou arduamente para que isso acontecesse. O seu legado ecoa no presente

século nos fazendo refletir sobre a educação obrigatória e cedida pelo estado. No entanto, algumas perguntas ficam: Lutero alcançou seu propósito? Hoje todas as pessoas têm tido acesso à educação de forma igualitária e gratuita? Qual impacto dessa posição de Lutero na educação que surgiu posteriormente nos tempos modernos? Será que temos valorizado os professores da maneira que deveria? A educação lúdica tem sido um dos nossos pilares? Temos buscado potencializar a aprendizagem por meio daquilo que o aprendiz já tem?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALIGHEIRO, M. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 1989.
- ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação**. São Paulo: Ática, 1994.
- \_\_\_\_\_, Walter. **O amigo das crianças, Lutero escreve uma carta a seu filho**. São Leopoldo, 1990.
- ARANHA, M. L. A. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 2005.
- ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro. 2 ed. LTC, 2006.
- AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. São Paulo: Nova Fronteira, 2002.
- BAINTON, Roland H. **Cativo à Palavra: a vida de Martinho Lutero**; tradução de James Reis. – São Paulo: Vida Nova, 2017.
- BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. **Estado e Educação em Martinho Lutero: a origem do Direito à Educação**. V. 41, n. 144. Set/Dez, 2011. Scielo25 Brasil. Disponível em: [SciELO - Brasil - Estado e educação em Martinho Lutero: a origem do direito à educação Estado e educação em Martinho Lutero: a origem do direito à educação](https://scielo25.com.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=SciELO-Brasil-Estado-e-educacao-em-Martinho-Lutero-a-origem-do-direito-a-educacao-Estado-e-educacao-em-Martinho-Lutero-a-origem-do-direito-a-educacao). Acesso dia 09/01/2024.
- BASCOPE, K.; NASCIMENTO, O.; MILDENBERG, E.; ALMEIDA, S. (2022). **A Reforma Protestante e seus desdobramentos**. *Revista Terra & Cultura: Cadernos De Ensino e Pesquisa*. Ed. 38 (especial), 160-180. Disponível em: <http://publicacoes.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/2499/2096>.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: [Constituição \(planalto.gov.br\)](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui.htm). Acesso em: 16/10/2024.
- BECKER, Idel. **Pequena história da civilização ocidental**. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- BIÉLER, A. **Pensamento econômico e social de Calvino**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo> UNESP, 1999.
- BLAINEY, Geoffrey. Uma breve história do cristianismo [versão brasileira da editora] 1. ed. – São Paulo – SP: Editora Fundamento Educacional Ltda., 2012.
- BITTAR, Marisa. **História da Educação: da antiguidade à época contemporânea**. – São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos: uma história da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1990.

CARPENTIER, Vincent. *A Idade Média passo a passo*; ilustrações de Marie de Monti; tradução de Julia da Rosa Simões. – 1ª ed. – São Paulo: Claro Enigma, 2012.

CÉSAR, Elben Magalhães Lenz, 1930 – **Conversas com Lutero: história e pensamento**. – Viçosa, MG: Ultimato, 2006.

CURTIS, A Kenneth et al. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história**. São Paulo: Vida, 2001.

DIRLMEIER ... [et al]. **História Alemã**. tradução: Marian Toldy e Teresa Toldy. Revisão: Marcelino Amaral. – Biblioteca Nacional de Portugal. Edições 70, 2020.

DURKHEIM, e. **A evolução pedagógica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

EBY, Frederick. **História da educação moderna: teoria, organização e práticas educacionais**. Porto Alegre: Globo, 1976

FREITAG, B. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo: Moraes, 1986.

FULBROOK, Mary. *História concisa da Alemanha*; tradução de Barbara Duarte – 2. ed. – São Paulo: Edipro, 2016. (Série história das nações).

FUNCK-BRENTANO, Frantz, 1862-1947. **Lutero**. – São Paulo: Flos Carmeli Edições, 2021.

GEORGE, Timothy. **Lendo as Escrituras com os Reformadores**; traduzido por Vagner Barbosa. – São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

\_\_\_\_\_, Timothy. **Teologia dos Reformadores**; Tradução Gérson Dudus e Valeria Fontana. – São Paulo: Vida Nova, 1993.

JARDINO, José Rubens L. **Lutero e a Educação**. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

JÉLVEZ, Júlio Alejandro Quezada. **História da Educação**. – Curitiba: InterSaberes, 2013. – (Série formação Pedagógica).

LARA, T. A. **A filosofia ocidental do Renascimentos aos nossos dias**. Petrópolis: Vozes, 1986.

LE GOFF, Jacques, 1924 – **Uma Longa Idade Média**; tradução Marcos de Castro. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_, Jacques, 1924 - 2014. **A história deve ser dividida em pedaços?** tradução Nícia Adan Bonatti – 1. ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2015.

\_\_\_\_\_, Jacques. *Para uma outra Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*; 18 ensaios; tradução de Thiago de Abreu e Lima Florêncio e Noéli Correia de Melo Sobrinho. 3. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LIMA, Evandresson Patrick de Lima. **Concepções Educacionais em Martinho Lutero**. Disponível em: [SciELO - Brasil - As concepções educacionais de Martinho Lutero As concepções educacionais de Martinho Lutero](#). Acesso dia 09/01/2024.

LINDENBERG, Carter. **História da Reforma**; tradução Elissamai Bauleo. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LUTERO, Martinho, 1483-1546. **As 95 teses e a essência da Igreja**: [Tradução Carlos Caldas]. – São Paulo: Editora Vida, 2016.

\_\_\_\_\_, Martim. **Educação e Reforma**. – São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000.

\_\_\_\_\_, Martinho. Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs [1524]. In: Martinho Lutero: obras selecionadas. São Leopoldo do: Comissão Interluterana de Literatura, 1995, v. 5, p. 299-325.

\_\_\_\_\_, Martinho. Uma prédica para que se mandem os filhos à escola [1530]. In: Martinho Lutero: obras selecionadas. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, 1995, v. 5, p. 326-363.

MARX, K. **Ideologia alemã**. 2. ed. São Paulo: Ciências Sociais e Humanas, 1979.

McDERMOTT, Gerald R. **Grandes teólogos: uma síntese do pensamento teológico em 21 séculos de Igreja**; tradução A. G. Mendes. – São Paulo: Vida Nova, 2013.

McGRATH, Alister E., 1953 – **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã**; [tradução Marisa K. A de Siqueira Lopes]. – São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

MONROE, P. **História da Educação**. 15. ed. Rio de Janeiro: Nacional, 1983.

MULLANY, Patrick Francis (1848-1893). **História e essência da educação ocidental: ensaios selecionados**; tradução de Bruno Alexander – Campinas, SP: Kírión, 2021.

MULLINGER, J. Bass (1834-1917). **Carlos Magno e a Restauração da Educação**; Tradução de Bruno Alexander – Campinas, SP: Kírión, 2022.

NICHOLS, Stephen J. **Além das noventa e cinco teses: a vida, o pensamento e o legado de Martinho Lutero**. [Tradução: Elizabeth Gomes]. – São José dos Campos, SP: Fiel, 2017.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da Educação no Renascimento**/ Campinas, SP: Kírión, 2018.

\_\_\_\_\_, Ruy Afonso da Costa. **História da Educação na Antiguidade Cristã** - Campinas, SP: Kírión, 2018.

\_\_\_\_\_, Ruy Afonso da Costa. **História da Educação na Idade Média**. – Campinas, SP: Kírión, 2018.

\_\_\_\_\_, Ruy Afonso da Costa. **História da Educação no Renascimento**. – Campinas, SP: Kirion, 2018.

\_\_\_\_\_, Ruy Afonso da Costa. **História da Educação no século XVII**. – Campinas, SP: Kirion, 2018.

O'BRIEN, John A. **Martinho Lutero: o sacerdote que fundou o protestantismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1959.

OLIVEIRA, Josemar Machado de.; MERLO, Patrícia M. S. **Recortes e perspectivas sobre a história moderna**. – Dados eletrônicos. – Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, Superintendência de Educação a Distância, 2022.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. **Reforma ou revolução religiosa? Uma acessível história do protestantismo**. 1ª edição. Recife: Kairós Editora, 2010.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12ª edição, Pontes Editores, Campinas, SP. 2015.

\_\_\_\_\_, Eni. P. (1996). **Interpretação: autoria, leitura, efeitos do trabalho simbólico**, Pontes Campinas.

\_\_\_\_\_, Eni. P. **A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996.

PELIKAN, Jaroslav. **A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina: o desenvolvimento da teologia medieval 600-1300, volume 3; tradução de Lena Aranha, Regina Aranha**. – São Paulo: Shedd Publicações, 2015.

\_\_\_\_\_, Jaroslav. **A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina: a reforma da igreja e o dogma (1300-1700), volume 4; tradução de Lena Aranha, Regina Aranha**. – São Paulo: Shedd Publicações, 2016.

\_\_\_\_\_, Jaroslav. **A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina: o espírito do cristianismo oriental 600-1700, volume 2; tradução de Lena Aranha, Regina Aranha**. – São Paulo: Shedd Publicações, 2015.

PETITAT, A. **Produção da escola, produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente**. Porto Alegre: Artes Médicas: 1994.

PILETTI, N.; PILLETI, C. **História da educação**. São Paulo: Ática, 1997.

\_\_\_\_\_, Claudino; PILETTI, Nelson. **História da Educação: de Confúcio a Paulo Freire**. – 2. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2024.

PINHEIRO, Jorge. SANTOS, Marcelo. **Manual de História da Igreja e do Pensamento Cristão**. 2ª ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

RAMALHO, J. **Práticas educativas e sociedade: um estudo de sociologia da educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

REEVES, Michael; CHESTER, Tim. **Por que a Reforma ainda é importante?** [tradução: Elizabeth Gomes]. – São José dos Campos, SP: Fiel, 2017.

RANDELL, Keith. **Lutero e a Reforma alemã**. São Paulo: Ática, 1995.

ROBERTS, J. M. **O livro de ouro da história do mundo**; tradução Laura Alves e Aurélio Rebello. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ROSA, G. M. **A história da educação através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Aberturas para a História da Educação: do debate teórico-metodológico no campo da história ao debate sobre a construção do sistema nacional de educação no Brasil**. – Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

\_\_\_\_\_, D. et.al. **O legado educacional do século XIX**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SAUSSURE, A. de. **Lutero – o grande reformador que revolucionou seu tempo e mudou a história da Igreja**. São Paulo: Vida, 2003.

SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI**; tradução Giuliana Niedhardt. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. **Reforma ou revolução religiosa?** Uma acessível história do protestantismo. 1ª edição. Recife: Kairós Editora, 2010.

VALENTIN, Ismael Forte. **A Reforma Protestante e a Educação**. Revista de Educação do Cogeime, vol. 19, n. 37, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15599/0104-4834/cogeime.v19n37p59-70> | [Valentin | Revista de EDUCAÇÃO do Cogeime \(metodista.br\)](#) . Acesso dia 09/01/2024.

VAREL, Simone. **Contribuições de Martinho Lutero à Educação**. Interfaces Científicas – educação, Aracaju, V.2, N.3, p. 233 – 242, jun. 2014. Disponível em: [Contribuições de Martinho Lutero à educação | Interfaces Científicas - Educação \(set.edu.br\)](#). Acesso dia 09/01/2024.

VIGOTSKI, L. S. **Formação social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALKER, Wiliston. **História da Igreja Cristã**; [tradutor Paulo D. Sieprerski]. – 4ª ed. – São Paulo: ASTE, 2015.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1983. CPIT